

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ/FARMANGUINHOS**

**GISELE SILVA DE FARIA**

**INCIDÊNCIA DE PLANTAS MEDICINAIS EM HORTAS NO BAIRRO DE  
JACAREPAGUÁ, RIO DE JANEIRO: REGISTRO DA PERCEPÇÃO DO USO  
TERAPÊUTICO**

**Rio de Janeiro**

**2011**

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ/ FARMANGUINHOS**

**GISELE SILVA DE FARIA**

**INCIDÊNCIA DE PLANTAS MEDICINAIS EM HORTAS NO BAIRRO DE  
JACAREPAGUÁ, RIO DE JANEIRO: REGISTRO DA PERCEPÇÃO DO USO  
TERAPÊUTICO**

Apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso ao Departamento de Ensino de Farmanguinhos/NGBS/FIOCRUZ, sob orientação do Prof. M.Sc Glauco de Kruse Villas Bôas, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Gestão da Inovação em Fitomedicamentos.

Orientador: Prof. MSc. Glauco de Kruse Villas Bôas

**GISELE SILVA DE FARIA**

**INCIDÊNCIA DE PLANTAS MEDICINAIS EM HORTAS NO BAIRRO DE  
JACAREPAGUÁ, RIO DE JANEIRO: REGISTRO DA PERCEPÇÃO DO USO  
TERAPÊUTICO**

Aprovado em 22 de Junho de 2011.

---

Prof. M.Sc. Glauco de Kruse Villas Bôas, Mestre em Gestão de Ciência e  
Tecnologia em Saúde

---

Prof.<sup>a</sup> D.Sc. Maria da Conceição Monteiro, Doutora em Saúde Mental

---

Prof. Esp. Sergio da Silva Monteiro, Especialista em Gestão da Inovação em  
Fitomedicamentos

---

Suplente: Prof.<sup>a</sup> M.Sc. Regina Coeli Nacif da Costa, Mestre em Educação

Dedico este trabalho

Ao meu pai, José de Alencar por seu amor incondicional e ao meu avô Joaquim Moreira da Silva, com quem em vida aprendi muito sobre amar a Natureza e a plantar.

## AGRADECIMENTOS

Às Forças do Universo;

Às agradáveis pessoas que entrevistei para realização deste trabalho, que sem elas não seria possível;

Ao meu pai, José de Alencar por tudo que ele é, e significa para mim;

Ao meu namorado, Davi Leida Ladijanski por suportar meu estresse, e mesmo assim continuar compreensivo e amoroso comigo;

Ao Coordenador, professor e orientador Glauco de Kruse Villas Bôas pela mente brilhante e pelas oportunidades de crescimento intelectual e profissional;

À professora Rosane Abreu pela paciência, carinho e base teórica durante todo o tempo!  
Muito obrigada MESMO!;

Ao professor Sérgio Monteiro pela disponibilidade para me ajudar nas visitas de campo;

À professora Maria da Conceição Monteiro pelo apoio;

À professora Regina Nacif pela orientação na construção deste trabalho;

À professora e amiga Carmen Pagotto pela amizade, atenção e ajuda;

Aos Meus Amigos por serem Amigos;

Aos Colegas e pessoas que convivo;

Agradeço a todos pelo apoio e carinho em um momento muito difícil da minha vida.

“Que teu alimento seja teu remédio e que  
teu remédio seja teu alimento.”

Hipócrates

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo realizar um diagnóstico preliminar sobre a horticultura no bairro de Jacarepaguá, Rio de Janeiro/RJ a partir de uma amostragem seletiva de hortas mistas na região, indicando a incidência de plantas medicinais. A metodologia utilizada, através da coleta de dados qualitativos baseou-se nos resultados das entrevistas abertas semi estruturadas feitas com os agricultores locais. Para este trabalho, foram selecionadas três hortas do bairro: 1. Horta da Casa de Repouso São Francisco de Paula, que não recebe nenhum subsídio externo, contando apenas com a experiência de um casal simpatizante e apoio do administrador da casa de repouso; 2. Horta do Pau da Fome, que recebe orientação da Emater e participa do Projeto PROFITO (NGBS/Farmanguinhos/FIOCRUZ), que orienta os agricultores na agregação de valor dos produtos agrícolas; 3. Horta do Jardim Anil, que participa do Projeto Hortas Cariocas com orientação, formação e manutenção através de bolsa auxílio para os agricultores. Todas as hortas pesquisadas têm suas áreas heterogêneas tanto no tamanho, como na organização da disposição das espécies, do nível de escolaridade e conhecimento tácito dos agricultores. Todas as hortas são mistas com espécies utilizadas na alimentação, nutrição e para fins medicinais. A discussão dos resultados sugere que as hortas que têm apoio externo com orientação de instituição técnico-científica favorecem a percepção de quais espécies já existentes na área apresentame que tem uso terapêutico.

Palavras-chave: Plantas medicinais. Hortas mistas. Entrevistas semi estruturadas

## ABSTRACT

This research conducted a preliminary a qualitative, descriptive diagnosis of horticulture in Jacarepaguá, Rio de Janeiro from a selective sampling in the region indicating the incidence of medicinal herbs in vegetable gardens through semi structured interviews used as instrument of data gathering interviews with small farmers. The discussion of the results suggests the level of perception of the therapeutic use and how this knowledge was acquired. In the case of gardens surveyed revealed that the sample study was not homogeneous, nor the education level of those involved and that some interviewees have large tacit knowledge. In all the research objects were found medicinal plants of the National Medicinal Plants of interest rates (RENISUS), however to have some relevance to the National Medicinal Plants Herbal and would require greater investment in human resources and inputs. The methodology used by qualitative data collection was based on the results of interviews open semi structured interviews with local farmers. For this work, we selected three gardens in the neighborhood: 1. Horta da Casa de Repouso São Francisco de Paula, who receives no external subsidy, relying on the experience of a couple and sympathetic support from the nursing home administrator; 2. Horta do Pau da Fome, receiving guidance and participates Emater Project Profito (NGBS / Farmaguinhos / FIOCRUZ), which guides the farmers in value addition of agricultural products 3. Horta Jardim Anil, who participates in the Garden Project Cariocas with guidance, training and maintenance through scholarship aid for farmers. All gardens surveyed have their heterogeneous areas both in size, as in the organization of the provision of the species, the level of education and knowledge from the farmers. All gardens are mixed with species used in food, nutrition and for medicinal purposes. The discussion of the results suggests that the gardens that have external support-oriented technical and scientific institution favor the perception which species existing in the area that has apresentame therapeutic use.

Keyword: Medicinal plants. Mixed gardens. Semi-structured interviews

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mata nativa da horta da Casa de Repouso São Francisco de Paula .....	16
Figura 2 – Cartaz explicativo sobre o Projeto Semente Viva .....	17
Figura 3 – Mandala .....	21
Figuras 4 e 5 – Mudas para venda e plantas medicinais em canteiros .....	22
Figura 6 – Mudas para venda .....	22
Figura 7 e 8 - Minhocário .....	27
Figuras 9, 10 - Fases da compostagem .....	28
Figura 11 – Parcela de mata nativa .....	28
Figura 12 - Organização da colheita .....	29
Figura 13 – Pesagem .....	30
Figura 14 - Bolsas prontas para serem doadas com 2 quilos cada .....	30
Figura 15 - Morador com a colheita doada .....	29
Figura 16 – Agricultora satisfeita posando para foto junto à horta .....	30

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Plantas medicinais identificadas na visita do biólogo e percepção dos agricultores na Casa de Repouso São Francisco de Paula (X = percepção da médica homeopata e M = percepção do mateiro) .....	18
Tabela 2. Distribuição analítica sobre a percepção do agricultor e do mateiro quanto ao conhecimento das Plantas Medicinais da Casa de Repouso São Francisco de Paula ....	18
Tabela 3 - Plantas medicinais identificadas na visita do biólogo e a percepção dos Agricultores na Horta do Pau da Fome .....	24
Tabela 4. Distribuição analítica sobre a percepção do agricultor quanto ao conhecimento das Plantas Medicinais da Horta do Pau da Fome .....	25
Tabela 5 - Plantas medicinais identificadas na visita do biólogo e percepção dos Agricultores na Horta do Jardim Anil .....	30
Tabela 6. Distribuição analítica sobre a percepção do agricultor quanto ao conhecimento das Plantas Medicinais da Horta do Pau da Fome .....	35
Tabela 7 - Localização de Espécies do RENISUS nas Hortas Pesquisadas .....	36

## LISTA DE SIGLAS

FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
OMS	Organização Mundial de Saúde
RENISUS	Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS
PNPIC	Programa Nacional de Práticas Integrativas e Complementares
AMAJA	Associação de Moradores e Amigos do Jardim Anil

## SUMÁRIO

RESUMO .....	7
ABSTRACT .....	8
1 INTRODUÇÃO .....	12
2 OBJETIVOS .....	13
2.1 Objetivos Gerais .....	13
2.2 Objetivos Específicos .....	13
3 CONCEITOS E MÉTODOS .....	14
4 RESULTADOS .....	15
4.1 Horta Casa de Repouso São Francisco de Paula .....	16
4.2 Horta no Pau da Fome .....	22
4.3 Horta do Jardim do Anil .....	26
5 DISCUSSÃO .....	37
6 CONCLUSÃO .....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	40
ANEXO A – Direcionamento das Entrevistas .....	43

ANEXO B – Entrevistas .....	44
-----------------------------	----

## 1 INTRODUÇÃO

As plantas medicinais e os fitoterápicos ganharam maior relevância no contexto da atualidade e voltaram a ser discutidos na Era do Conhecimento a partir de estratégias estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 2002 - 2005), bem como das demandas de novos fármacos percebidas na Indústria Farmacêutica (VILLAS BÔAS & GADELHA, 2006). O uso de plantas medicinais pela população mundial tem sido muito significativo nos últimos tempos. Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), que reconheceu oficialmente em 1978 o uso de fitoterápicos, mostram que cerca de 80% da população mundial fez o uso de algum tipo de erva na busca de alívio de alguma sintomatologia dolorosa ou desagradável.

Junta-se a isto a estimativa do Ministério do Meio Ambiente de que existam 50 mil espécies que compõem a flora brasileira, cerca de um quarto da flora mundial, mas o número pode ser bem maior. No entanto, a obra de Von Martius do século XIX continua como principal referência no estudo da flora brasileira (FORZZA et al, 2010).

A consciência de que o Brasil é o país com a maior biodiversidade do mundo e rico em espécies de plantas com potencial medicamentoso, em sua maioria não estudada, norteou a elaboração da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos/PMPMF, 2006 definiu diretrizes, as ações interministeriais, transversais e interssetoriais voltadas para inovação. A implementação desta política, pautada no uso racional, bem como no acesso seguro aos fitoterápicos, veio requerer uma visão da inovação, enquanto um processo dinâmico e social, onde a habilidade no aprendizado está relacionada à geração de conhecimento formal e informal abrangendo, inclusive o conhecimento popular, tradicional, tácito, entre outros (VILLAS BÔAS, 2008).

Neste contexto, é que se insere a agricultura familiar que é uma forma de produção onde predomina a interação entre gestão e trabalho; os agricultores familiares plantam suas hortas dando ênfase à diversificação de espécies e utilizando o trabalho familiar, eventualmente complementado pelo trabalho assalariado (MENDONÇA, M.M., MONTEIRO, D. E MENDES, R., 2007). Em grande parte das hortas familiares, o

conhecimento tradicional que consiste na informação ou prática individual ou coletiva de comunidade indígena ou de comunidade local apresenta valor real ou potencial associado ao patrimônio genético em que está inserido (GALLO, Z., MARTINS, L.A.T.P., PRES, M.T.M., 2010) .

O caráter inovador da agricultura familiar e seu papel na implantação das políticas fica evidente no Programa Nacional de Práticas Integrativas e Complementares – PNPIC , cujos eixos compreendem não só o acesso a plantas medicinais e fitoterápicos, como também o uso racional, seguro e sustentável da biodiversidade. Contempla ainda o desenvolvimento de toda a cadeia produtiva, o fortalecimento da indústria nacional, além do reconhecimento e a valorização do uso tradicional.

A partir do contexto acima descrito e considerando a relevância do saber popular na construção do conhecimento científico, justifica-se o foco deste trabalho, a saber, o levantamento do perfil de algumas hortas localizadas no bairro de Jacarepaguá no município do Rio de Janeiro, no que se refere à incidência de plantas medicinais.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Analisar a partir da observação participativa, o potencial das hortas no bairro de Jacarepaguá, município do Rio de Janeiro, para o desenvolvimento de plantas medicinais.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

2.2.1 Identificar o perfil socioeconômico dos agricultores e a tendência para desenvolvimento das medicinais com fins de retorno para uso das comunidades e orçamento pessoal.

2.2.2. Identificar a motivação e as dificuldades encontradas no estabelecimento e manutenção das hortas tendo em vista a produtividade relativa às plantas medicinais.

2.2.3. Identificação das espécies já cultivadas por biólogo a fim de levantar o potencial das hortas visitadas.

2.2.4. Verificar em quais das hortas visitadas foram cultivadas plantas medicinais que constam da Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS – RENISUS.

### 3 CONCEITOS E MÉTODOS

Este trabalho foi realizado utilizando-se uma abordagem qualitativa, descritiva que empregou como instrumento de coleta de dados entrevistas semi estruturadas (MINAYO, M.C.S., 1993). Este instrumento é muito usado na área das Ciências Humanas com vistas à identificação de fatores subjetivos que levam a comportamentos específicos. Sua escolha deve-se ao fato do estudo buscar compreender os motivos, os valores, os conceitos e preconceitos, a visão, e a maneira de agir destes atores sociais que participam das hortas mistas de Jacarepaguá. As entrevistas foram gravadas, transcritas e basearam-se no seguinte roteiro: por que e como a horta foi criada; como os sujeitos percebem o ambiente em que a horta foi implementada; em que fase a horta se encontra; em relação à produção, como o sujeito percebe a horta; como as plantas medicinais são utilizadas no local; com quem aprenderam a utilizar as plantas medicinais, quantas espécies de plantas medicinais existem na horta e quais as mais usadas (NICOLACI-DA-COSTA, 2007).

Os sujeitos da pesquisa foram aqueles responsáveis pela implementação das hortas mistas **1** e, também, aqueles que trabalharam no plantio e na manutenção da horta, no mínimo, há seis meses. Após a transcrição das entrevistas foi feita a análise dos dados, levando-se em conta o discurso de cada sujeito propriamente dito, em relação a cada

---

1 Hortas mistas são compostas por vegetais destinados à nutrição e ao uso terapêutico. Uma horta mista pode, portanto, ter a presença de legumes, verduras, temperos, frutas, podendo ter também plantas medicinais ou não. Normalmente esse tipo de horta tem como objetivo a melhoria da qualidade alimentar e uso das plantas medicinais pela população. Elas podem representar um adicional na renda dos trabalhadores envolvidos. Nesse modelo de horta é permitido que sejam criados laços de cooperação e ajuda mútua entre vizinhos e envolvidos na horta, despertando o sentido de comunidade e gerando renda com o excedente de produção.

item do roteiro, e dos sujeitos entre si, levantando-se em conta recorrências e as discrepâncias.

Para o estudo do campo, foi realizada uma amostragem seletiva das hortas de Jacarepaguá a partir dos seguintes critérios:

- 1-Hortas caseiras ou ligadas à agricultura familiar e/ou comunitárias, participativas;
- 2-Hortas elaboradas ou mantidas por trabalhadores com mais de seis meses de participação;
- 3- Hortas que permitissem as entrevistas com os sujeitos maiores de 18 anos.

Foram realizadas nove entrevistas semi-estruturadas a partir de roteiro previamente elaborado, em um dia de visita com o acompanhamento de um biólogo para o reconhecimento das espécies existentes. As entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise, a partir do livre consentimento dos sujeitos envolvidos.

## **4 RESULTADOS**

As hortas selecionadas para essa pesquisa são mistas e diferem em tamanho e objetivo.

**4.1 Horta Casa de Repouso São Francisco de Paula** – localizada na Estrada do Rio Grande 4.730, Taquara. Coordenadas: S: 22°54'59.69" - WO: 43°24'43.35" - Altitude: 38 msm.

Esta horta foi bem estruturada, contendo muitas árvores frutíferas e uma mandala de plantas aromáticas, temperos, outras plantadas ao redor e várias espontâneas, além de possuir um bom pedaço de mata nativa (Figura 1). Essa foi abandonada desde o fim do ano passado quando houve troca da Administração da Casa de Repouso. O Projeto implantado nesta horta destinava-se ao cultivo de plantas medicinais, aromáticas e condimentares. Pretendia o manejo orgânico, ou seja, sem uso de agrotóxicos, visando à qualidade nutricional dos idosos que residem na Casa de Repouso, assim como do corpo de funcionários (MARINO, M., 2010).

**Figura 1 – Mata nativa da horta da Casa de Repouso São Francisco de Paula**



Faria, G.S., 2011.

Esse projeto teve origem há aproximadamente quinze anos, com a organização de uma horta medicinal no Lar Frei Luiz, em Jacarepaguá. Durante três anos foram cultivadas em torno de vinte e oito espécies que eram distribuídas gratuitamente, aos freqüentadores do Lar. Essa horta teve que acabar para utilização do espaço para outros fins. A manutenção desta prática teve que achar outro espaço para sua continuidade e desta forma outra horta foi organizada na Casa de Repouso, assumindo o nome de “Projeto Semente Viva” (Figura 2). É digno de nota que esse Projeto não é participativo, tendo sido planejado e executado por uma médica homeopata e um engenheiro eletricista com renda superior a R\$2000,00. A idéia inicial era que o Projeto fosse itinerante, pudesse ser plantada em vários locais diferentes, tais como casas de repouso, comunidades, e onde houvesse interesse das pessoas em implantar uma horta. Ajudando a desenvolver uma consciência ecológica do poder terapêutico da natureza.

Essa horta foi organizada a partir de plantas medicinais e frutíferas existentes no terreno, bem como de espécies adquiridas para o posterior plantio em forma de mandala. No levantamento prévio foram identificadas pelo mateiro (M) as seguintes espécies: Frutíferas: Jaca, Sapoti, Jambo, Laranja Lima, Banana d'água, Banana Maça, Banana da Terra, Banana Prata, Jamelão, Amora, Carambola, Acerola, Coco, Abacate, Jabuticaba, Açaí, Cacau, Manga, Limão e Goiaba e Plantas Mediciniais: Jaborandi, Hortelã Pimenta, Picão, Embaúba, Fruta Pão, Erva Cidreira, Alecrim do Campo, Arnica do Campo, Serralha, Melão de São Caetano, Amora, Boldo, Pimenta, Trapoeraba, Tiririca e Urucum.

**Figura 2 – Cartaz explicativo sobre o Projeto Semente Viva**



Faria, G.S., 2011.

É digno de nota que sendo a distribuição gratuita de plantas não existem dados sobre adicional na renda familiar.

No quadro abaixo levantamos o total de espécies encontradas na visita do biólogo e o conhecimento na percepção dos agricultores que lidam com a horta

**Tabela 1 – Distribuição das Plantas Medicinais Identificadas na Casa de Repouso São Francisco de Paula a partir da Percepção do Mateiro e do Agricultor/Homeopata.**

Nome Científico	Família	Nome Popular	Conhecimento sobre a Planta Medicinal
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze var. <i>brasiliana</i>	Amaranthaceae	Terramicina	NR
<i>Amaranthus viridis</i> L.	Amaranthaceae	Caruru	NR
<i>Annona coriacea</i> Mart.	Annonaceae	Condessa	NR
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Moraceae	Jaca	X M
<i>Averrhoa carambola</i> L.	Oxalidaceae	Carambola	X M
<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	Asteraceae	Alecrim do Campo	X M
<i>Baccharis trimera</i> DC.	Asteraceae	Carqueja	X
<i>Bidens pilosa</i> L.	Asteraceae	Picão	X M
<i>Bixa orellana</i> L.	Bixaceae	Urucum	X M
<i>Cecropia hololeuca</i> Miq.	Cecropiaceae	Embaúba	X M
<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C. E. Jarvis ssp. <i>verticillata</i>	Vitaceae	Insulina	X
<i>Citrus auranticum</i> L.	Lauraceae	Laranja da terra	X
<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	Lauraceae	Limão galego	X M
<i>Cocos nucifera</i> L.	Areaceae	Coco	X M
<i>Commelina erecta</i> f. <i>alba</i> Magrath	Commelinaceae	Trapoeraba branca	NR
<i>Varronia verbenacea</i> ( DC.) Borhidi	Boraginaceae	Erva baleeira	NR
<i>Costus spicatus</i> Swartz	Costaceae	Cana do brejo	X
<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf.	Poaceae	Capim limão	X
<i>Cyperus rotundus</i> L.	Cyperaceae	Tiririca	X M
<i>Euphorbia prostrata</i> var. <i>caudirhiza</i> Fosberg.	Euphorbiaceae	Quebra-pedra rasteiro	X
<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Areaceae	Açaí	X M
<i>Pilocarpus jaborandi</i> Holmes	Rutaceae	Jaborandi	X M

<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Malvaceae	Vinagreira	NR
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Convolvulaceae	Batata doce	X
<i>Leonurus sibiricus</i> L.	Lamiaceae	Erva Macaé	X
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.	Verbenaceae	Cidrão	X
<i>Malpighia glabra</i> L.	Malpighiaceae	Acerola	X M
<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	Manga	X
<b><i>Manilkara achras</i></b> (Mill.) Fosberg	Sapotaceae	Sapoti	X M
<i>Melia azedarach</i> L.	Meliaceae	Para raio	NR
<i>Melissa officinalis</i> L.	Lamiaceae	Erva Cidreira	X M
<i>Mentha crispa</i> L.	Lamiaceae	Hortelã	X
<i>Mormodica charantia</i> L.	Cucurbitaceae	Melão de São Caetano	X M
<i>Morus nigra</i> L.	Moraceae	Amora	X M
<i>Myrciaria cauliflora</i> Berg.	Myrtaceae	Jaboticaba	X M
<i>Ocimum basilicum</i> L. var. <i>minimum</i>	Lamiaceae	Manjericão branco miúdo	X
<i>Ocimum gratissimum</i> Forsk.	Lamiaceae	Alfavacão	X
<i>Persea americana</i> Mill.	Lauraceae	Abacate	X M
<i>Phyllanthus amarus</i> Schum. & Thom	Euphorbiaceae	Quebra-pedra	X
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	Euphorbiaceae	Erva pombinha	X
<i>Piper aduncum</i> L.	Piperaceae	Aperta ruão	NR
<i>Plectranthus barbatus</i> Benth.	Lamiaceae	Boldo	X M
<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.	Lamiaceae	Boldo japonês	X
<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae	Goiaba	X M
<i>Ricinus cummunis</i> L.	Euphorbiaceae	Mamona	X
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae	Alecrim	X
<i>Schinus terebenthifolius</i> Raddi	Anacardiaceae	Aroeira	X M
<i>Sedum dendroideum</i> Moc. et Sessé ex DC.	Crassulaceae	Sedum azul	NR
<i>Sonchus oleraceus</i> L.	Asteraceae	Serralha	X M
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Solanaceae	Jurubeba	X

<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Asteraceae	Arnica	X
<i>Eupatorium odoratum</i> L.	Asteraceae	Arnica do campo	X M
<i>Spondia cytherea</i> Sonn.	Anacardiaceae	Cajá manga	X
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skells	Myrtaceae	Jamelão	X M
<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr & Perry	Myrtaceae	Jambo	X M
<i>Tabebuia chrysotricha</i> (Mart. ex Dc.) Standl.	Bignoniaceae	Ipê amarelo	X
<i>Talinum triangulare</i> L.	Portulacaceae	Lingua de vaca	X
<i>Theobroma cacao</i> L.	Malvaceae	Cacau	X M
<i>Tradescantia pallida</i> (Rose) D.R. Hunt var. <i>purpurea</i>	Commelinaceae	Trapoeiraba roxa	NR
<i>Vernonia amygdalina</i> Delile	Asteraceae	Alumã	X

**Tabela 2. Distribuição analítica sobre a percepção do agricultor e do mateiro quanto ao conhecimento das Plantas Medicinais da Casa de Repouso São Francisco de Paula.**

Total de Plantas	60	100%
Mateiro	26	43,33%
Agricultor/Homeopata	50	83,33%

É importante ressaltar no caso dessa horta que a percepção do agricultor (X) pode estar alterada pelo fato da pessoa em questão ser uma médica pós-graduada em homeopatia. Sua percepção foi de 83,3% do total de 60 espécies identificadas pelo biólogo. Já na percepção do mateiro, de 43,3%. Não foram consideradas outras dez espécies que não constaram da lista apresentada pelo biólogo, uma vez que produziria um erro metodológico.

O resultado das entrevistas revelou que apesar de conter muitas árvores frutíferas e uma mandala de plantas aromáticas e temperos, encontrou dificuldade na manutenção da horta, por contar apenas com a mão de obra voluntária, que atualmente é escassa no geral e inexistente na horta em si. A meta era a criação de hortas no formato de Mandala

num total inicialmente de sete onde seriam cultivadas as plantas medicinais, plantas aromáticas e verduras, consorciadas e integradas a flores, com a finalidade de tornar a cultura menos atingida por insetos, cultivo de maior número de espécies por área, melhor irrigação do espaço e um canteiro que teria o formato do corpo humano com as espécies medicinais de acordo com sua ação farmacológica em casa sistema. No entanto, até o momento apenas uma mandala (Figura 3) construída e plantada. A horta não tem como objetivo o lucro financeiro, e sim um ganho na qualidade nutricional, bem como o uso das plantas medicinais pelos idosos da Casa de Repouso.

**Figura 3 – Mandala**



Faria, G.S., 2011.

**4.2 Horta do Pau da Fome:** localizada na Estrada do Pau da Fome em frente à entrada do Parque Estadual da Pedra Branca. Coordenadas: S: 22°55'54.30" - WO: 43°26'25.10" - Altitude: 111 msm.

**Figuras 4 e 5 – Mudas para venda e plantas medicinais em canteiros**



Faria, G.S., 2011.

**Figura 6 – Mudas para venda**



Faria, G.S., 2011.

A área da horta é pequena, e em terreno irregular de cerca de 12 metros quadrados. Na área, muitas árvores plantadas sem espaçamento adequado, na realidade

a área parece ter sido um local de venda de mudas (Figuras 3, 4 e 5), onde algumas espécies passaram para o chão.

Trata-se de uma horta familiar, no entanto conta com a mão de obra de trabalhadores assalariados. Além disso, a horta 2 participa do Projeto PROFITO (FRAGA, S.M, OLIVEIRA M.S, 2010). Esse Projeto objetiva cultivar plantas medicinais nas comunidades da região do Parque Estadual da Pedra Branca, no Rio de Janeiro, e têm como meta capacitar os produtores agrícolas para que tenham alternativas de desenvolvimento sustentável com estímulo à produção local. Além disso, recebem orientação da Emater. A entrevista foi realizada com um casal de produtores rurais, ela nascida em 01/03/1954 e tendo cursado até a 5ª série do Primário e o marido, nascido em 30/03/1948 e cursou até a 1ª série Primária. Ambos são produtores rurais e comercializam o que produzem, além de ter uma barraca de caldo-de-cana e bolinhos de aipim antes da entrada do Parque Estadual da Pedra Branca. A renda mensal do casal é entre R\$1400 -1500 e proveniente da agricultura e do comércio do caldo de cana e bolinhos de aipim.

**Tabela 3. Distribuição das Plantas Medicinais identificadas na Horta do Pau da Fome**

<i>Adiantum capillus veneris</i> L	Polypodiaceae	Avenca	X
<i>Aloe vera</i> L.	Liliaceae	Babosa	X
<i>Baccharis trimera</i> DC.	Asteraceae	Carqueja	X
<i>Bactris gasipaes</i> Kunth	Arecaceae	Palmito pupunha	X
<i>Bertholletia excelsa</i> Bonpl.	Lecythidaceae	Castanheira	X
<i>Bidens pilosa</i> L.	Asteraceae	Picão	X
<i>Brugmansia suaveolens</i> (H.&B. ex. Willd.) Bercht. & Presl.	Solanaceae	Trombeta branca	X
<i>Cajanus cajan</i> (L) Hunth	Anacardiaceae	Guandu	X
<i>Capsicum frutescens</i> L.	Solanaceae	Pimenta malagueta	X
<i>Capsicum odoriferum</i> Vell.	Solanaceae	Pimenta de cheiro	X
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae	Erva de Santa Maria	X
<i>Citrus auranticum</i> L.	Lauraceae	Laranja da terra	X
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Lauraceae	Tangerina	X
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck.	Lauraceae	Laranja bahia	X
<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	Lauraceae	Limão galego	X
<i>Coriandrum sativum</i> L.	Apiaceae	Coentro	X
<i>Costus spicatus</i> Swartz	Costaceae	Cana do brejo	X
<i>Curcuma longa</i> L.	Zingiberaceae	Cúrcuma	X
<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf.	Poaceae	Capim limão	X
<i>Cymbopogon winterianus</i> Roth	Poaceae	Citronela	X
<i>Cyperus rotundus</i> L.	Cyperaceae	Tiririca	X
<i>Cyrtopodium punctatum</i> (L.) Lindl	Orchidaceae	Cirtopódio	NR
<i>Dioscorea trifida</i> L. F.	Dioscoreaceae	Cará	X
<i>Dombeya</i> sp.	Malvaceae	Strapea	NR
<i>Eriobotrya japonica</i> Lindl.	Rosaceae	Néspera	X
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae	Pitanga	X
<i>Echinodorus</i> sp.	Alismataceae	Chapéu de couro falso	
<i>Guarea guidonea</i> (L.) Sleumer	Meliaceae	Carrapeta	X
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Convolvulaceae	Batata doce	X
<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Acanthaceae	Tira teima	X

<i>Kalanchoe brasiliensis</i> St. Hil.	Crassulaceae	Saião	X
<i>Lamium album</i> L.	Urticaceae	Urtiga branca	X
<i>Lecythis pisonis</i> Cambess..	Lecythydaceae	Sapucaia	X
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	Verbenaceae	Cidrão	X
<i>Malphigia glabra</i> L.	Malphigiaceae	Acerola	X
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Asteraceae	Guaco	X
<i>Morus nigra</i> L.	Moraceae	Amora	X
<i>Murraya paniculata</i> L.	Rutaceae	Murta de cheiro	X
<i>Musa acuminata</i> Colla	Musaceae	Bananeira	X
<i>Plinia glomerata</i> (O. Berg) Amshof	Myrtaceae	Cabeluda	X
<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Piperaceae	Erva de jabuti	NR
<i>Persea americana</i> Mill.	Lauraceae	Abacate	X
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	Euphorbiaceae	Erva pombinha	X
<i>Pimpinella anisum</i> L.	Apiaceae	Erva doce	X
<i>Piper aduncum</i> L.	Piperaceae	Aperta ruão	X
<i>Plantago major</i> L.	Plantaginaceae	Tanchagem	X
<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz & Pav.) Radlk.	Sapotaceae	Abiu	X
<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae	Goiaba	X
<i>Punica granatum</i> L.	Punicaceae	Romã	X
<i>Ricinus communis</i> L.	Euphorbiaceae	Mamona	X
<i>Rumex acetosa</i> L.	Polygonaceae	Azedinha	NR
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Anacardiaceae	Aroeira	X
<i>Tabebuia chrysotricha</i> (Mart. ex Dc.) Standl.	Bignoniaceae	Ipê amarelo	X
<i>Theobroma cacao</i> L.	Malvaceae	Cacau	X
<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A. Gra	Asteraceae	Arnicão	X

**Tabela 4. Distribuição analítica sobre a percepção do agricultor quanto ao conhecimento das Plantas Medicinais da Horta do Pau da Fome.**

Total de Plantas	56	100%
Agricultor	52	91,07%

Destaca-se na tabela acima que das 56 espécies, 91,07% são do conhecimento desses agricultores entrevistados.

Quando se fala sobre plantas medicinais, há conhecimento do casal e uso das mesmas para *mal estar*, resfriados e dores de cabeça.

A horta tem duas variedades de *Bidens pilosa L* (picão branco e o roxo), duas variedades de *Dioscorea trifida L. F.* (Cará). A *Justicia pectoralis* (tira teima) está presente na horta, embora não saibam o uso. O resultado das entrevistas revelou que os participantes estão satisfeitos com a vida na agricultura, com a barraca na frente de casa, onde comercializam caldo de cana e bolinhos de aipim, produtos do que plantam e colhem e com a participação no Projeto PROFITO e orientação da Emater, como poderemos comprovar pela fala do Agricultor “...a Emater nos acompanha quando há necessidade ela tá junto. Teve junto agora, então eles me orientaram a fazer a cultura das hortaliças, e eu não sei explicar bem conforme as palavras bonitas. É...Junto com as leguminosas porque enquanto o inseto tem aquele produto que é alimento deles, que é mato.”. O casal destaca que os produtos da agricultura são financeiramente desvalorizados. A agricultura e a barraca de caldo de cana e bolinho de aipim são 100% da renda familiar.” Além da horta visitada, a família tem outra horta em local mais afastado, de maior área e de difícil acesso.

**4.3-Horta do Jardim do Anil:** localizada na Estrada do Curipós, 746 – Entrada pelo Jardim Clarice, Estrada de Jacarepaguá- ponto de referência fabrica de cerveja AmBev. Coordenadas : S: 22°57’53.37” – WO: 43°20’32.56” – Elevação: 7 msm.

A horta foi implantada em 2006 na Comunidade do Jardim Anil (AMAJA, 2010) com a orientação da Rio Hortas (FPJ-RJ, 2010), em uma área de 14.000m<sup>2</sup>, destinada a Fundação Parques e Jardins. A horta são 22 módulos, com 4 canteiros cada. No mês de agosto de 2007, foi implantada uma equipe de 5 moradores capacitados, para trabalharem no projeto Hortas Cariocas, da Secretaria do Meio Ambiente (SMMA, 2010). Nesta horta há a função de agricultor encarregado, que fica responsável pela administração da horta e dos demais agricultores. A horta 3 tem uma boa área, os espaços estão sendo bem preenchidos, tendo sido observadas algumas podas indevidas

de plantas importantes, como Aroeira e Ingá. O sistema de cultivo possui bom aproveitamento das matérias orgânicas da área, tendo vários pontos para compostagens (Figuras 7, 8, 9 e 10).

**Figura 7- Minhocário**

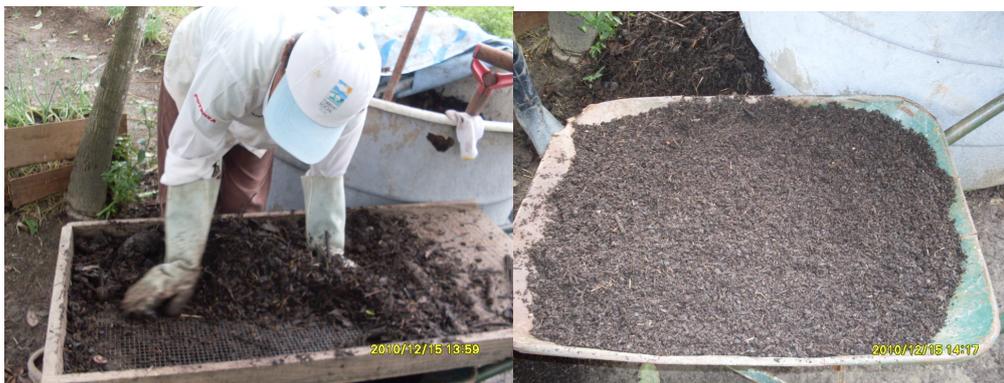


Faria, G.S., 2010.

**Figura 8 - Fases da compostagem**

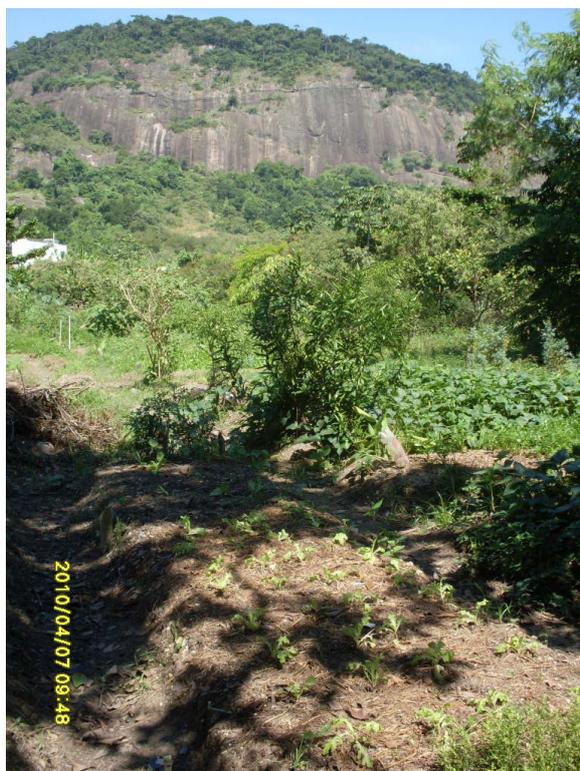


Faria, G.S., 2010.

**Figuras 9 e 10 - Fases da compostagem**

Faria, G.S., 2010.

Além disso, ao redor existe uma parcela boa de mata nativa (Figura 11).

**Figura 11 - Parcela de mata nativa**

Faria, G.S., 2010.

Um registro preocupante é a presença de um canal que passa na parte final da horta aparentemente de esgoto sanitário. A população utiliza o falso chapéu de couro (*Echinodorus cf. sagitadus*) que cresce nesse canal.

A horta 3 tem produção de cerca de 200 quilos por mês e atende a quarenta famílias da Comunidade. A colheita é feita de 15 em 15 dias, e é doada para idosos de baixa renda da comunidade. São feitas bolsas de verduras e legumes, com 2 quilos cada (Figuras 12, 13 e 14), que são entregues nas casas dos idosos. Os moradores podem ir até a horta e pedir plantas medicinais, verduras, legumes e frutas da época (Figura 15). A doação de plantas medicinais é feita mediante a pessoa explicar o que está sentindo ou para que vai utilizar, por exemplo, Melão de São Caetano (*Momordica charantia*) é uma planta que geralmente eles tem certa resistência a doar, por dizerem ser abortiva.

**Figuras 12 (organização da colheita), 13 (pesagem), 14 (bolsas prontas para serem doadas com 2 quilos cada) e 15 (morador com a colheita doada)**



Faria, G.S., 2011.

**Figura 16 – Agricultora satisfeita posando para foto junto à horta**



Faria, G.S., 2011.

A entrevista foi realizada com cinco agricultores que vivem na comunidade ou em comunidades próximas, sendo três mulheres e dois homens. Atualmente a horta tem sete pessoas trabalhando, que recebem ajuda de custo do Projeto Hortas Cariocas, da Secretaria Municipal do Meio Ambiente do Rio de Janeiro e podem se alimentar do que plantam. A agricultora encarregada recebe bolsa no valor de R\$ 480 e os agricultores no valor de R\$ 360,00 e dizem receber pouco. No quadro abaixo levantamos o total de espécies encontradas na visita do biólogo e o conhecimento na percepção dos agricultores que lidam com a horta.

**Tabela 5 - Plantas medicinais identificadas na visita do biólogo e percepção dos Agricultores na Horta do Jardim Anil**

Nome Científico	Família	Nome Popular	Percepção do Agricultor
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Asteraceae	Erva de são João	X
<i>Allium tuberosum</i> Rottler ex. Spreng.	Alliaceae	Alho nirá	
<i>Aloe vera</i> L.	Liliaceae	Babosa	X
<i>Amarantus viridis</i> L.	Amaranthaceae	Caruru	X

<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Mimosaceae	Angico	X
<i>Annona squamosa</i> L.	Annonaceae	Condessa	
<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	Asteraceae	Alecrim do Campo	X
<i>Baccharis trimera</i> DC.	Asteraceae	Carqueja	X
<i>Bidens pilosa</i> L.	Asteraceae	Picão	X
<i>Bixa orellana</i> L.	Bixaceae	Urucum	X
<i>Ceiba speciosa</i> (A. St.-Hil.) Ravenna	Bombacaceae	Paineira	
<i>Brassica oleracea</i> variedade acephala	Brassicaceae	Couve manteiga	X
<i>Brassica rapa</i> L. var. pekinensis	Brassicaceae	Couve chinesa	X
<i>Carica</i> sp.	Caricaceae	Mamão macho	X
<i>Cecropia hololeuca</i> Miq.	Cecropiaceae	Embaúba	X
<i>Cichorium intybus</i> L.	Asteraceae	Almeirão	X
<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C. E. Jarvis ssp. verticillata	Vitaceae	Insulina	X
<i>Citrus auraticum</i> L.	Lauraceae	Laranja da terra	X
<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	Lauraceae	Limão galego	X
<i>Coix lacrima jobi</i> L.	Poaceae	lágrima de nossa senhora	X
<i>Convallaria majalis</i> L.	Convallariaceae	Lírio do brejo	X
<i>Varronia verbenacea</i> DC.	Boraginaceae	Erva baleeira	X
<i>Costus arabibus</i> L.	Costaceae	Cana do brejo peluda (flor branca)	X
<i>Costus</i> sp.	Costaceae	Cana do brejo lisa (flor branca)	X
<i>Costus spicatus</i> Swartz	Costaceae	Cana do brejo lisa (flor rosa)	X
<i>Curcubita</i> sp.	Curcubitaceae	Abobrinha	X
<i>Curcubita pepo</i> L.	Curcubitaceae	Abóbora	X
<i>Curcuma longa</i> L.	Zingiberaceae	Cúrcuma	X
<i>Cuscuta racemosa</i> Humb.	Convolvulaceae	Cipó chumbo	X

<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf.	Poaceae	Capim limão	X
<i>Dombeya</i> sp.	Malvaceae	Astrapea	X
<i>Echinodorus</i> sp.	Alismataceae	Chapéu de couro	X
<i>Eleutherine bulbosa</i> (Mill.) Urb.	Iridaceae	Marupari	
<i>Equisetum hyemale</i> L..	Equisetaceae	Cavalinha	X
<i>Eryngium foetidum</i> L.	Apiaceae	Coentrao da índia	X
<i>Etilingera elatior</i> (Jack) R.M.Sm.	Zingiberaceae	Bastão do imperador	X
<i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.	Myrtaceae	Grumixama	X
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae	Pitanga	X
<i>Chromolaena odorata</i> (Koster f.) Sunita Garg	Asteraceae	Arnica do mato	X
<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Euphorbiaceae	Aveloz	X
<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Malvaceae	Algodão	X
<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Malvaceae	Vinagreira	X
<i>Inga marginata</i> Willd.	Mimosaceae	Ingá	X
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Convolvulaceae	Batata doce	X
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Euphorbiaceae	Pinhão roxo	X
<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Acanthaceae	Tira teima	X
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> St. Hil.	Crassulaceae	Saião	X
<i>Lantana camara</i> L.	Verbenaceae	Cambará	
<i>Leonotis nepetifolia</i> schimp. ex Benth.	Lamiaceae	Cordão de frade	X
<i>Leonurus sibiricus</i> L.	Lamiaceae	Erva Macaé	X
<i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.) R. De Wit.	Mimosaceae	Leucena	X
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br	Verbenaceae	Cidrão	X
<i>Lippia lyciodes</i> Steud.	Lamiaceae	Falsa alfazema	X
<i>Litchi chinensis</i> Sonn.	Sapindaceae	Lichia	
<i>Malpighia glabra</i> L.	Malphigiaceae	Acerola	X
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Euphorbiaceae	Aipim	X

<i>Melia azedarach</i> L.	Meliaceae	Para raio	X
<i>Melissa officinalis</i> L.	Lamiaceae	Erva cidreira	X
<i>Mentha arvensis</i> L.	Lamiaceae	Vick	X
<i>Mentha citrata</i> L.	Lamiaceae	Elevante	X
<i>Mentha crispa</i> L.	Lamiaceae	Hortelã	X
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Asteraceae	Guaco	X
<i>Mirabilis jalapa</i> L.	Nyctaginaceae	Maravilha	X
<i>Momordica charantia</i> L.	Curcubitaceae	Melão de são Caetano	X
<i>Moringa oleifera</i> Lam.	Moringaceae	Moringa	X
<i>Morus nigra</i> L.	Moraceae	Amora	X
<i>Murraya paniculata</i> L.	Rutaceae	Murta de cheiro	X
<i>Myrciaria cauliflora</i> Berg.	Myrtaceae	Jabuticaba	X
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	Manjerição branco miúdo	X
<i>Ocimum gratissimum</i> Forsk.	Lamiaceae	Alfavacão	X
<i>Ocimum</i> sp.	Lamiaceae	Alfavaca	X
<i>Opuntia</i> sp.	Cactaceae	Tunã / palma	X
<i>Origanum manjerona</i> L.	Lamiaceae	Manjerona	X
<i>Passiflora edulis</i> Sims.	Passifloraceae	Maracujá	X
<i>Pectis brevipedunculata</i> Sch.Bip.	Asteraceae	Capim limão rasteiro	X
<i>Pelargonium odoratissimum</i> [Soland.]	Geraniaceae	Gerânio adorantíssimo	X
<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Piperaceae	Erva de jabuti	
<i>Persea americana</i> Mill.	Lauraceae	Abacate	X
<i>Phyllanthus amarus</i> Schumach.	Euphorbiaceae	Quebra-pedra	X
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	Euphorbiaceae	Erva pombinha	X
<i>Pimenta dioica</i> L.	Myrtaceae	Pimenta da Jamaica	X
<i>Piper aduncum</i> L.	Piperaceae	Aperta ruão	X
<i>Pistia stratioides</i> Jacq.	Araceae	Alface d'água	X

<i>Plantago major</i> L.	Plantaginaceae	Tanchagem	X
<i>Platyserium bifurcotum</i> Desv.	Polypodiaceae	Chifre de veado	X
<i>Plectranths amboinicus</i> (Lour.) Spr.	Lamiaceae	Hortelã pimenta	X
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Lamiaceae	Boldo	X
<i>Plecthranthus neochilus</i> Schltr.	Lamiaceae	Boldo chinês	X
<i>Pluchea sagitalis</i> (Lam.) DC.	Asteraceae	Quitoco	X
<i>Portulaca oleracea</i> L.	Portulacaceae	Beldroega	X
<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae	Goiaba	X
<i>Alpinia purpurata</i> (Vieill.) K.Schum.	Zingiberaceae	Panamã	
<i>Ricinus communis</i> L.	Euphorbiaceae	Mamona	X
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae	Alecrim	X
<i>Saccharum officinarum</i> L.	Poaceae	Cana de açúcar	X
<i>Sansevieria zeylanica</i> Willd.	Liliaceae	Espada de São Jorge	X
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Anacardiaceae	Aroeira	X
<i>Schizolobium parayba</i> (Vellozo) Blake	Caesalpinaceae	Guapuruvu	X
<i>Solanum melongena</i> L.	Solanaceae	Berinjela	X
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Solanaceae	Jurubeba	X
<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Asteraceae	Arnica	X
<i>Spilanthes acmella</i> (L.) Murray	Lamiaceae	Jambú / Agrião do Pará	
<i>Spondias dulcis</i> Forst.	Anacardiaceae	Cajá manga	X
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> Vahl	Verbenaceae	Gervão roxo	X
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skells	Myrtaceae	Jamelão	X
<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr & Perry	Myrtaceae	Jambo vermelho	X
<i>Tabebuia</i> sp.	Bignoniaceae	Ipê	X

<i>Talinum triangulare</i> L.	Portulacaceae	Língua de vaca	
<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A. Gray	Asteraceae	Arnicão	X
<i>Tradescantia fluminensis</i> Vell.	Commelinaceae	Trapoeraba branca	X
<i>Tradescantia pallida purpurea</i>	Commelinaceae	Trapoeraba roxa	X
<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Asteraceae	Xanana	
<i>Vernonia amygdalina</i> Delile	Asteraceae	Alumã	
<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	Asteraceae	Assa peixe	X
<i>Vernonia polysphaera</i> Baker	Asteraceae	Assa peixe branco	X
<i>Vetiveria zizanoides</i> Nash	Poaceae	Capim Vertiver	X
<i>Zea mays</i> L.	Poaceae	Milho	X
<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Cactaceae	Orai por Nóis	X
<i>Luffa cylindrica</i> (L.) Roem.	Curcubitaceae	Bucha	X
<i>Salvia officinalis</i> L.	Lamiaceae	Sálvia	X
<i>Indigofera suffruticosa</i> Philip Miller	Papilionaceae	Anil	X
<i>Dioscorea bulbifera</i> Russ. ex Wall.	Discoreaceae	Cará moela	X
<i>Achillea millefolium</i> L.	Asteraceae	Cibalena	X
<i>Eryngium foetidum</i> L.	Apiaceae	Coentrão	X
<i>Genipa americana</i> L.	Rubiaceae	Jenipapo	X
<i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.)	Araceae	Taioba	X
<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey.	Rubiaceae	Vassourinha-de-botão	X
<b>Total de</b>		<b>131</b>	<b>100%</b>
<b>Total de espécies na percepção do agricultor</b>		<b>89,3129771%</b>	<b>117</b>

**Tabela 6. Distribuição analítica sobre a percepção do agricultor quanto ao conhecimento das Plantas Medicinais da Horta do Pau da Fome.**

Total de Plantas	131	100%
------------------	-----	------

Agricultor	117	89,3129771%
------------	-----	-------------

Na horta 3, o percentual de percepção é de 89,3129771% de 131 espécies identificadas pelo biólogo.

O resultado das entrevistas revelou que a agricultora encarregada (responsável pela horta) da horta recorda-se de muitas espécies, já os demais agricultores lembram de poucas. No entanto, ao ver a lista das espécies identificadas pelo biólogo, recordaram-se de quase todas as espécies e indicaram onde estão plantadas. Todos os agricultores desta têm conhecimento de algumas plantas medicinais da horta e seu uso, mas o conhecimento das espécies medicinais é bem menor do que as existentes na área total. Conclui-se que a Horta do Jardim Anil tem a maior quantidade de espécies de plantas e de agricultores envolvidos.

**Tabela 7 - Localização de Espécies do RENISUS nas Hortas Pesquisadas**

Nome Científico	Nome Popular	Localização
<i>Aloe vera</i>	Babosa	Horta do Anil e Pau da Fome
<i>Baccharis trimera</i>	Carqueja	Horta Anil, Pau da Fome e Casa de Repouso
<i>Bauhinia fortificata</i>	Pata de vaca	Horta Pau da Fome
<i>Bidens pilosa</i>	Picão	Horta Anil, Pau da Fome e Casa de Repouso
<i>Cordia spp (C. curassavica ou C. verbenacea)</i>	Erva baleeira	Horta Casa de Repouso e Anil
<i>Eugenia uniflora</i>	Pitanga	Horta Anil, Pau da Fome e Casa de Repouso
<i>Mikania glomerata</i>	Guaco	Horta Anil e Pau da Fome
<i>Passiflora spp.</i>	Maracujá	Horta Anil
<i>Psidium guajava</i>	Goiaba	Horta Anil, Pau da Fome e Casa de Repouso
<i>Schinus terebinthifolius</i>	Aroeira	Horta Anil, Pau da Fome e Casa de Repouso
<i>Tabebuia avellanedeae</i>	Ipê amarelo	Horta Anil e Casa de Repouso

<i>Vernonia polysphaera</i>	Assa peixe	Horta Anil
<i>Ananas comosus</i>	Abacaxi	Horta Anil
<i>Curcuma longa</i>	Curcuma	Horta Pau da Fome e Anil
<i>Plantago major</i>	Transagem	Horta Anil e Pau da Fome
<i>Persea spp.</i>	Abacate	Horta Anil, Pau da Fome e Casa de Repouso
<i>Punica granatum</i>	Romã	Horta Anil
<i>Phyllanthus spp.</i>	Erva pombinha	Horta Anil, Pau da Fome e Casa de Repouso
<i>Morus sp.</i>	Amora	Horta Anil e Pau da Fome
<i>Lippia sidoides Cham.</i>	Alecrim-pimenta	Horta Casa de Repouso
<b>Legenda</b>		
<b>Espécies da RENISUS</b>	<b>22</b>	
<b>Espécies da RENISUS comuns às 3 hortas</b>	<b>7</b>	

## 5 DISCUSSÃO

O resultado desta pesquisa revelou que a amostra em estudo não era homogênea, sendo a horta 1 cultivada por pessoas de nível superior tendo como clientes pacientes de uma casa de repouso particular, a horta 2 é manejada por agricultores que tem uma interação através de uma metodologia de gestão participativa no Projeto PROFITO, do Núcleo de Gestão Biodiversidade e Saúde, NGBS/Farmanguinhos/Fiocruz (BAPTISTA, S.N., 2010), a horta 3 também é administrada por agricultores, e é vinculada a Secretaria Municipal do Meio Ambiente do Rio de Janeiro, pelo Hortas Cariocas. Todos os entrevistados se orgulham por ter produtos da agricultura sem agrotóxicos e tudo natural, fazendo questão de evidenciar esse tipo de cultivo, que no momento está em destaque, além de serem consumidores do que produzem e destacar a boa qualidade do sabor e de usar plantas medicinais para curar algum incômodo ou dor. Nessa pesquisa ficou claro que o trabalho voluntário não existe nessas hortas sendo este remunerada em duas das três hortas. O destino da produção difere em cada caso, na horta 1 é consumida por pacientes, na horta 2 é consumida pela família dos agricultores sendo o excedente vendido e na horta 3 consumido por agricultores sendo o excedente doado.

Os resultados descritos sugerem a seguinte discussão:

1º - Maior percepção do uso das plantas ocorre onde os agricultores participam de projetos em parceria com a Instituição de Ciência e Tecnologia em Saúde.

2º - O tamanho de horta sem o valor agregado por tecnologias no processamento dos insumos não representa em nenhum dos casos observados aumento na renda familiar dos agricultores, salvo na horta 3 (Horta do Jardim Anil), horta com maior número de espécies plantadas e que distribui para uma população estimada de no mínimo 40 famílias, mas que é subsidiada pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente do Rio de Janeiro com a concessão de bolsa auxílio para os agricultores.

3º - Os resultados sugerem que a criação de hortas em que há cultivo de plantas medicinais deveria, portanto ser subsidiada e integrada com parcerias que possam auxiliar do ponto de vista tecno-científico-econômico a sua viabilização.

4º É relevante o dimensionamento de uma escala capaz de assegurar a sustentabilidade dos projetos de hortas com plantas medicinais.

5º A diversidade de espécies torna mais fácil a viabilização econômica das hortas no bairro de Jacarepaguá, município do Rio de Janeiro, para o desenvolvimento de plantas medicinais.

6º Na pesquisa das hortas em questão foi possível perceber que apesar de alguns agricultores não terem alto grau de escolaridade, os conhecimentos tácitos, que são aqueles que o indivíduo adquiriu ao longo da vida, significam relevante conhecimento sobre plantas medicinais e agricultura em geral.

7º Foram verificadas sete espécies da RENISUS nas três hortas visitadas, são elas: *Baccharis trimera*, *Bidens pilosa*, *Eugenia uniflora*, *Psidium guajava*, *Schinus terebinthifolius* e *Phyllanthus spp.* e vinte e duas espécies que constam na RENISUS em pelo menos uma das hortas em questão (Tabela 7).

## **6 CONCLUSÃO**

A partir da pesquisa realizada foi verificado que projetos institucionais agregam valor às iniciativas de hortas particulares e valorizam os saberes tácitos dos agricultores envolvidos. O que sugere que a sustentabilidade dessas iniciativas deveria ser priorizada para que esses dados tenham algum significado relevante. Sugerindo a necessidade de futuros estudos a respeito.

Do ponto de vista do Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e da lista do RENISUS os dados descritos na Tabela 7 - Localização de Espécies do RENISUS nas Hortas Pesquisadas demonstra que as espécies de interesse do SUS são produzidas pelos agricultores dessas hortas, em grande parte dos casos, mesmo sem ter conhecimento da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e do Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos

## 7 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AÇÃO MAGISTRAL. Fiocruz participa da criação de sistema agroecológico para plantas medicinais. Disponível em: <[http://www.acaomagistral.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=456:fiocruz-participa-da-criacao-de-sistema-agroecologico-para-plantas-mediciniais&catid=44:provedor&Itemid=73](http://www.acaomagistral.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=456:fiocruz-participa-da-criacao-de-sistema-agroecologico-para-plantas-mediciniais&catid=44:provedor&Itemid=73)>. Acesso em: 11 nov. 2010.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E AMIGOS DO JARDIM ANIL (AMAJA). Horta do Jardim Anil. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <[www.amaja.org.br](http://www.amaja.org.br)>. Acesso em: 20 set. 2010.

BAPTISTA SN. Capacitação em Rede para Inserção de Agricultores em APL de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. 2010. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Gestão da Inovação em Fitomedicamentos) - Instituto de Tecnologia em Fármacos, 2010.

CARLINI M. Uma Universidade de Comunicação Criativa: Um estudo de caso do Jornal elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. **Jornal da Unicamp**, p. 1-12. Campinas, 13/03/2009. Disponível em: <[http://www.unicamp.br/unicamp/sites/unicamp.br/files/paginas\\_estaticas/divulgacao/artigocientifico190506.html](http://www.unicamp.br/unicamp/sites/unicamp.br/files/paginas_estaticas/divulgacao/artigocientifico190506.html)>. Acesso em: 15 dezembro de 2010.

FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO (FARJ) (Brasil). Hortas Urbanas em Ocupações Sem-Teto. Disponível em: <[http://www.foundation-besnard.org/article.php3?id\\_article=512](http://www.foundation-besnard.org/article.php3?id_article=512)>. Acesso em: 05 nov. 2010.

FORZZA RC, LEITMAN PM, COSTA AF, CARVALHO Jr AA, PEIXOTO AL, WALTER BMT, et al. Introdução. *In*: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2010.

FRAGA SAPM, OLIVEIRA MFS. Escolas Fitoparceiras: Saúde, Ambiente e Educação, através das Plantas Medicinais. Vol 1 (5): 46-58 Rio de Janeiro: Revista Fitos, 2010.

FUNDAÇÃO PARQUES E JARDINS DA PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO (FPJ-RJ). Projeto Rio Hortas. Disponível em: <<http://www0.rio.rj.gov.br/fpj/riohortas.htm>>. Acesso em: 01 set. 2010.

GADELHA CAG. Estado e inovação: uma perspectiva evolucionista. *Rev de Economia Contemporânea*. V. 6: p. 85-117. 2002.

GALLO Z., MARTINS L.A.T.P., PERES MTM. Pobreza, Meio Ambiente e Economia Solidária: O caso de Piracicaba. *Revista da Fae*, Curitiba, v. 8, n. 1, p.39-50, Jan./Jun. 2005. Disponível em: <[http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/revista\\_da\\_fae/rev\\_fae\\_v8\\_n1/rev\\_fae\\_v8\\_n1\\_04.pdf](http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/revista_da_fae/rev_fae_v8_n1/rev_fae_v8_n1_04.pdf)>. Acesso: 07 out. 2010.

MARINO M. Projeto Semente Viva - Ser Mente Viva: Cultivo de Horta de Medicinal. Disponível em: <<http://sermenteviva.blogspot.com/2010/01/cultivo-de-horta-medicinal.html>>. Acesso em: 01 maio 2009. Acesso: 20 set. 2010.

MENDONÇA MM de, MONTEIRO D, MENDES RAS-PTA. Foundation Pierre Besnard. Agricultura urbana: ensaio exploratório e pequeno mosaico de experiências. 13 abril 2007.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR) (Org.). Decreto nº 5.813, de (22/06/2006). Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Brasília, DF: Ideal Gráfica e Editora Ltda. 60 p. 2006.

MINAYO, MCS (Organizadora). Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. Editora Vozes (Coleção Temas Sociais). 18 ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1993.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Portaria Nº 971, de (03/05/2006). Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. - Brasília: Ministério da Saúde, 92 p. 2006.

NICOLACI-DA-COSTA AM. O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 20, n. 1, p. 65-73, 2007.

Projeto de Pesquisa apresentado à Faculdade de Educação como requisito de conclusão do Curso de Especialização em Gestão Ambiental do Programa de Despoluição da Baía de Guanabara. Disponível em: Disponível em: <http://jobit99.sites.uol.com.br/horta.html>. Acesso: 06 jan. 2011.

REDE NACIONAL DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL: COMUNIDADE EM AÇÃO – COEP

<http://www.comunidadeemacao.org.br/publico/apresentarConteudo.aspx?TP=2&CODIGO=C201011523931276>. Acesso: 06 jan. 2011.

SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE (SMMA). Hortas Cariocas. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/smac/exibeconteudo?article-id=147563>>. Acesso em: 03 nov. 2010.

VILLAS BÔAS GK. Nova Política de Plantas Medicinais. In: BUSS PM, CAVALEIRO JR, CASAS CPR (Orgs). A política farmacêutica e o acesso a medicamentos. Editora Fiocruz, 2008.

VILLAS BÔAS GK & GADELHA CA. Oportunidades na Indústria de Medicamentos e a lógica do desenvolvimento local baseado nos biomas brasileiros: bases para a discussão de uma política nacional. Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública** 23 (6): 1463-1471, junho, 2007.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Traditional Medicine Strategy**.  
Geneva, 2002-2005.

## **ANEXO A – DIRECIONAMENTO DA ENTREVISTA**

### **Histórico**

De quem foi a iniciativa? Como começou?

Onde ocorre?

Tempo de duração do projeto

Como se deu a implementação?

Para que a horta foi criada?

### **Como funciona?**

Como se dá a participação das pessoas envolvidas?

Quem participa?

Verificar a qualidade da horta implementada;

(agrotóxicos? Líquidos, sólidos ou em pó)

Próximo ao esgoto, perto de estradas, ruas?

Verificação visual -> Qualidade atmosférica (liquens presentes nas árvores?)

Verificar em que fase a horta se encontra

Com quem os entrevistados aprenderam a utilizar as plantas medicinais;

Como as plantas medicinais são utilizadas em Jacarepaguá?

Quantas espécies de plantas medicinais existem nas hortas visitadas?

Quais as mais utilizadas?

### **Percepção dos envolvidos com a horta**

Saber como as pessoas envolvidas se sentem em relação à horta

## ANEXO B – ENTREVISTAS

### Horta 1 – Casa de Repouso

#### Entrevista 1 e 2

“Em 1993, surgiu a idéia de criar um espaço de Plantas Medicinais em uma Casa Espírita no RJ (Lar de Frei Luiz); eu e alguns voluntários (simpatizantes com o poder curativo das plantas), recebemos um pequeno espaço, e com boa vontade e muitas doações fizemos alguns canteiros, preparamos o solo, plantamos, colhemos e doamos muitas plantas para os frequentadores do local. este processo durou em torno de 3 anos; nos revezávamos no cuidado e manutenção das plantas, e os canteiros foram se desenvolvendo de forma rápida ; chegamos a obter 28 espécies de diferentes plantas, que com a ajuda de um técnico do Jardim Botânico eram catalogadas. Não tínhamos nenhum registro do projeto, e um dia, por necessidades de crescimento da Casa os canteiros deram lugar a um estacionamento. A idéia já materializada parecia terminar ali; mas não conhecemos mesmo o que nos revela o Grande Arquiteto, e mesmo não entendendo a mensagem por de traz daquele momento, me rendi, certa de que se algum dia esta idéia tivesse que continuar, outro local surgiria, assim como as condições necessárias para refazer a Horta medicinal. Os anos se passaram. Em 2006 durante um curso que realizei em Campinas (Emotologia), participei de uma dinâmica onde deveríamos vivenciar uma intenção alinhada com o Universo; uma contribuição ao Planeta... e eu resgatei da minha memória aqueles canteiros! Em maio de 2009, fui levada por outras circunstâncias a conhecer uma Casa de Repouso, também na Taquara em Jacarepaguá- RJ, chamada Casa de Repouso São Francisco de Paula. Lá residem 60 idosos, sendo um eles minha tia, hoje com 86 anos. Foi através dela que um dia reencontrei um espaço! Naquele instante senti meu coração disparar, e vi os canteiros renascerem!!!! Assim, com a aceitação da proposta pela Casa, começamos este projeto- SEMENTE VIVA, que tem como finalidade levar aos idosos e cuidadores daquele local, os benefícios e poder terapêutico das plantas; incentivar as pessoas que apreciem a Natureza, a " cuidar" com AMOR esta dádiva que temos a nosso dispor; conscientizar a

todos aqueles comprometidos direta ou indiretamente com o projeto, a responsabilidade em compartilhar e contribuir para um Bem Maior, que estejam acima de interesses pessoais.”

A proposta do Projeto Ser Mente Viva é plantar no formato de um corpo humano as plantas usadas no tratamento dos Sistemas do corpo humano. As plantas para o Sistema respiratório foram guaco, urucum; hortelã (folha graúda); saião; poejo; tanchagem; mil folhas; erva de Santa Maria; alfavaca; alecrim; capim limão; sabugueiro; cambará.

Sistema Digestivo/ Hepato biliar: Alecrim; Boldo; Carqueja; erva Cidreira; Hortelã( folha miúda); Espinheira Santa; Dente de leão; Gengibre; Gervrão roxo; Manjericão; Manjerona; Cúrcuma; Serralha; Capuchinha; Cardus marianus; Artemísia; Erva de Santa Maria.

Sistema Nervoso: Camomila; Erva Cidreira; Maracujá; Funcho; Hypericum; Erva doce; Hortelã (folha miúda); Macela;

Sistema Ósteo Articular: Erva Baleeira; Ipê roxo; Unha de Gato; Babosa( externo); Gengibre( externo); Erva de Macaé( externo); Arnica Brasileira( externo); Garra do Diabo( externo); Tanchagem; Guiné pipi (externo)

Sistema Gêrito Urinário: Cavalinha; Chapéu de couro; Quebra Pedra (verde); Dente de leão; Cana do brejo; Abacateiro.

Reduzir açúcar, colesterol: Pata de vaca

Cicatrizante: Confrey (externo); Arnica (externo); Calêndula( externo)

Inseticidas naturais: Alfavaca: Repele moscas, mosquitos

Mil folhas: Aumenta a produção de óleos essenciais

Cravo de defunto: Proteje as plantas dos nematódeos

Hortelã: Repele insetos

Manjerona: Melhora o aroma das plantas

Alecrim: Afasta borboletas

Controle de Pragas: Macerado de samambaia: Controle de ácaros, cochinillas e pulgões

Macerado de urtiga: Pulgões e lagartas (aplicar no solo)

Macerado de fumo de rolo: Colchinillas, Lagartos e Pulgões

Sabão de côco, macerado de fumo e enxofre: Ácaros

Cravo de defunto: Impede nematódeos

Água e sabão: Colchinillas, pulgões, e lagartas

Infusão de losna: Lagarta e lesmas

Pimenta vermelha, água e sabão de coco: Repelente de insetos

Folhas de chapéu de Napoleão: Pulgões e colchinillas

Arruda: Pulgões

Chá de Camomila: Doenças fúngicas

“No início do trabalho na horta tivemos ajuda da Dona Dirce (horta 3 – Jardim Anil. Ela veio ensinar como fazer a compostagem e trouxe gente lá da horta do Jardim Anil pra ajudar na compostagem.”

“A Casa passou por um processo de reestruturação desde outubro do ano passado (2010). Novos administradores, nova direção, novos planos... atualmente um dos "donos" da Casa é um geriatra e seu sócio um administrador de empresas. A princípio me parecem querer dar continuidade ao que lá existia, mas desde a saída do antigo responsável (em dezembro), tudo foi definitivamente deixado para segundo plano. Esta semana estive lá e pelo que vi, as espécies de Manjericão, Alecrim, Erva Cidreira, Erva doce, Carqueja, foram as que "sobreviveram" As intempéries (calor, chuva, falta de

cuidados básicos com o solo...); não sei se em algum momento foram utilizadas pela entidade, só sei que lá estão, enormes!!!!”

## Horta 2

### Entrevista 2 e 3

“Deixa eu te falar então. Eu sou novinho, né? Há 72 anos que to na agricultura. Meus pais já vinham nessa atividade e hoje eu continuo na agricultura. Hoje tem uns incrementos que é pra aumentar a renda familiar, né? Que a nossa agricultura é familiar, tá? Teve um momento que Chazinho da mamãe, da vovó, aquela estória q todo mundo já conhece. E a gente utiliza isso até hoje. Eu, por exemplo, tava muito mal tomei um e acho que comecei a melhorar. E a gente utiliza isso até hoje. E assim foi a nossa vida. E to feliz da vida.

Vivo essencialmente da agricultura. O comércio é caldo de cana que é exatamente para vender produtos da agricultura, cana, bolinho de aipim... E a cana é produzida pelos agricultores da região.

Não. Comigo, minha esposa faz os bolinhos, minha filha faz as empadas, os salgados... Eu tenho um rapaz que trabalha comigo no caldo de cana, ele faz a parte dele nos finais de semana. Lá no sítio eu tenho outra pessoa pra me ajudar a cuidar que trabalhar com diarista, 2, 3 dias por semana que é o que dá para pagar porque se não fica muito caro o trabalho agrícola. Trabalhador rural é muito caro. Muito caro não, muito caro em relação ao que a gente ganha porque o trabalho é pesado, tá? Acho até barato, mas em relação ao que a gente ganha e que é caro. Entendeu minha posição? Porque a nossa renda é pouca então não tem condição de pagar muito, mas merecia até ser mais valorizado merecia. Então tenho lá um funcionário que trabalha, faz a limpeza e tem essa atividade que todo mundo já conhece (barraca caldo de cana). Ta bem famoso já. Varias vezes pensei em acabar com tudo, mas ai eu fico com pena, e gera outra fonte de renda em relação a agricultura. Não é isso? Que foi meu objetivo, eu tenho a agricultura, eu tinha cana. In natura pra vender ninguém dá valor. Aí que que eu fiz? Incentivei os

agricultores a plantar cana. Eles me respondiam assim: - Vender pra quem? Eu dizia: - Pra mim que eu vou precisar. Tem os agricultores que plantam cana, que são aqueles que eu incentivei.”

Que hoje são agricultores que tão feliz da vida, que tem escoamento e são até bem pagos porque eu não sou de pagar mal, né? Porque as coisas dão muito trabalho. A cana toda não sai da minha roça. Eu não tenho como ter uma roça aqui dentro do Parque que atenda toda a minha demanda aqui. Eu não tenho como fazer sozinho. Então como é uma associação também, então a gente engrupou todo mundo. São os agricultores que fazem parte da associação de lavradores e criadores de Jacarepaguá, ALCRI JPA.

### **Agrotóxico?**

Não, é tudo produto natural. Hoje eu não to nem fazendo, e a gente usa muito é...

que que eu achei que era legal e é legal é... “nós temos orientação da Emater, a Emater nos acompanha quando há necessidade ela tá junto. Teve junto agora, então eles me orientaram a fazer a cultura das hortaliças, e eu não sei explicar bem conforme as palavras bonitas. É! Junto com as leguminosas que sejam vegetal, que seja natural porque enquanto o inseto tem tem aquele produto que é alimento deles, que é mato, não vai atacar tua horta. Aí você tira todo mato, que que acontece? Vai em cima da horta. Acho que ta sendo muito válido. Vou te mostrar depois eu tenho ali. Tem tomate, tem salsa, tem babosa, várias plantas que você vai ver que não ta comida de inseto. Porque eu tenho as leguminosas, mato, pra fazer esse consorcio aí, e equilibra um pouco. Mas quando é necessário a gente costuma usar biofertilizante ou então a gente usa também, pode ser feito..., não tenho feito. Eu nao faço nada em grande escala, se for pra pequena escala você controla melhor. Se for pra grande escala teria o biodigestor, ta que é um produto orgânico e teria também o fumo de rolo, né? Aí você Poe na água depois pulveriza que afasta os insetos. Que o objetivo não é matar os insetos, é afastar eles.”

Tem bastante babosa.

O chazinho foi pra tirar os males que tava me causando que é resfriado, ataque de bronquite

No meu pensamento tomei com esse objetivo, né?

Agora essa tosse é o cigarro.

Ah menina! Desde sempre. O meu filho mais novo, que hoje 39anos

Cacau, tomate

Canela, carqueja,

Lá tem bastante pé de pitanga. Acerola tem 1 pezinho só, mas tem.

Tem tomate, salsa, babosa.”

### Horta 3 - Jardim Anil

Entrevista 5 – Hortelã nascida em 26/09/1969 - Cursou o 1º grau completo e tem faixa salarial de R\$ 360,00.

“Eu sei que eu vim através do Seu Rubens. Tem convênio com a Prefeitura (horta), né? Aqui são uma equipe de 6, 7 pessoas. A gente faz a manutenção da horta toda, planta, capina, colhe, cuida. Vai fazer 4 anos o projeto. Agora em agosto (2011) vai fazer 4 anos que eu trabalho aqui

Função da horta?

Essa pergunta aí não sei assim mais ou menos dar uma resposta certa porque no começo não podia vender nada, agora já pode vender algumas coisas

Vende para comunidade daqui de fora, pro pessoal dos bairros mais próximos

A gente vende depende do que tem. Chicória, alface, beterraba, cenoura.

Planta para remédio?

Assim que eu conheço só capim limão

Boldo?

Não, mas hortelã tem.

Erva cidreira que o pessoal usa para chá, colônia que diz que é bom pra pressão

Vick tem não, pode até ser que tenha, mas eu não conheço muito as ervas assim não.

Conheço as mais conhecidas, tem muita erva aí que eu não conheço não.

Você se sente satisfeita com o andamento da horta?

Hum, razoável. Tem muita satisfação não.

Mas a horta está direitinha?

Tá bem.

A gente recebe uma ajuda de custo.

E de quem vem?

Ah! Isso aí vem lá do seu Julio porque nosso chefe lá. De onde vem não sei, só sei que recebo a ajuda de custo e eu sei que ele é um dos chefes, só até aí que eu sei. Mas da onde que vem da onde que sai isso aí eu não sei.

Trabalha todos os dias de 2ª a 6ª, de 7h as 5h da tarde. Na 6ª é só até 4h.

Na horta põe agrotóxico?

Não

Com quem você aprendeu a plantar?

Isso aí eu fiz um curso, no Via Parque, que era uma escola q tinha lá e a gente fez o curso durante 6 meses. Aí a gente teve aula “prática e teoria”, assim a gente estudava e praticava, daí que a gente veio pra cá.

Você mora na comunidade?

Não eu moro perto

Você usa as coisas da horta?

Uso, uso sim pra chá, xarope, legumes e verduras.

Aqui tem guaco, mas não tem tanto assim. Tem uns pezinhos por aí.

Tem uma base assim de umas 20 ervas para remédio por aí.

Já cresci no meio ambiente, plantando, colhendo. Meus pais são agricultores.

Podemos usar o que plantamos, pode pegar fruta, legume e verdura.

Eles ensinam uma coisa tão mais complicada, no fim da no mesmo.

Mas eu faço do jeito que me ensinaram, prefiro fazer do jeito que todo mundo faz. Aqui já é outra região. Se fosse pra falar a verdade, eu preferia de lá. O modo de plantar, de colher, o tempo de esperar. O tempo aqui é muito curto. É muito pouco tempo pra planta. A planta nem viveu, já colheu. É igual essas meninas que já é mãe logo. Quando vê, com 12, 13 anos já tem filho. E é isso aí.

Tenho filhos, três.

Continuarão na agricultura?

Num tem não. Nenhum gosta. Apesar que eu tenho um lá com a minha mãe. Eles não gostam não. Até mesmo a planta que tem em casa eles não cuidam. Deixam lá a bichinha morrer seca. Eles não gostam muito de envolvimento com agricultura não. Se a minha garota ver uma minhoca é um escândalo, sai correndo e não volta mais pra aquele

lugar. O outro gosta de andar pelo mato , mas pra plantar não tem paciência. É o tempo também, estudam, nunca tiveram envolvimento c a terras.

Nasci em Pernambuco, minha família é toda de lá.

### **Visão sobre plantas medicinais**

Assim, eu acho que vai crescer sim, sabe por que a agricultura era uma coisa muito abafada, ninguém dava valor. E hoje as pessoas já tão se voltando mais pra agricultura. Se for procurar, já tem escola q tem horta, hospital tem anda mexendo com essas coisas. Mas no meu tempo era uma coisa muito esquecida, a horta.

Uma vez uma menina perguntou pra mim como era um pé de tomate. Ela ficou olhando assim o tomate e perguntou como se planta um pé de tomate, comé que bota o tomate ? Ela disse que pensou que já vinha tudo do mercado porque chegou no mercado pegou o tomate e levou pra casa... Aí ela ficou pensando. Aí eu falei pra ela assim...tudo que ta lá no mercado alguém tem que prantá, tem que colhê e levá lá pro mercado pra você comprá. Ela ficou assim admirada com aquele tomate. Gostaria de ver como é um pé de tomate.

Era criança?

Nada! 19, 20 anos por aí. Nunca viu um pé de tomate, a não ser desenhado, mas ela disse que nunca viu assim um pé de tomate mermo na terra, nascer e colocá os tomates. Ela mora aqui no Rio, ela mora em Praça Seca. Aí eu falei pra ele, você procura uma horta, eu ensinei ela a prantá, ou pega uma vasilinha lá, planta o pé de tomate e poe a semente e você vai ver botá o tomate. Ela disse que nunca viu não. Nunca viu um pé de tomate. Ela tem assim de 19 pra 20 anos, mas nascida e criada aqui.

### **Como chegou para trabalhar na horta (Anil)?**

Através de uma colega minha que ela é muito colega da nossa chefe Alice. E ela falou da horta. Aí falou pra eu falar com a D. Dirce e a D.Dirce me ligou pra falar com Seu Rubens. E eu to aqui já vai fazer 4 anos. E eu gosto muito de mexer com a terra, ficar dentro dos matos, da natureza, eu gosto muito.

Satisfeita nesse lado do trabalho...eu estou sim, porque eu gosto desse trabalho, adoro mexer com a terra. Gosto mermo, sempre gostei, entendeu? Nesse lado ai sou satisfeita, agora...tem coisas que num tem. Por exemplo, a gente trabalha, ganha pouco. A gente ganha uma ajuda de custo, com esse lado não ESTOU satisfeita. O lado do trabalho to satisfeita sim, porque gosto muito de trabalhar com a natureza.

Posso levar pra casa o que planto, a gente colhe tudo fresquinho, não tem agrotóxico nenhum, o adubo é compostagem.

A Dirce é encarregada nossa, ela também planta quando ta com tempo, serviço do final de semana é todo dela, assim na parte de molhá. Ela não mora na Comunidade mora perto, igual como eu, atravessou a ponte, já ouviu falar no Canal do Anil. Aqui é Jardim Anil, lá é Canal do Anil. Esse nome ficou era uma pranta que aqui tinha muito. Uma pranta chamada Anil Assim me contaram essa história. Teve uma vez que as crianças fizeram uma pesquisa sobre isso, que tinha uma pranta que aqui tinha muito anil, que era uma arvorezinha. Como aqui era cheio botaram esse nome, tinha muito pra lá na beira daquele rio, aí ficou conhecido como Canal do Anil e Jardim Anil. Agora Jardim não sei porque. Cadê o jardim?risos

Cuidava de criança meio período. Aí como apareceu esse curso meio período, aí eu fui. Aí depois eu gostei tanto que acabei saindo da creche e vim pra cá.

Na época, naquele tempo era creche particular ganhava o salário direitinho. O que eu ganhava era metade de um salário porque era só meio expediente. E agora fica entre a metade, quase a metade de um salário, é metade, né? Que o salário ta 510, recebe metade de um salário e é o dia todo. A gente trabalha o dia todo, de 7h a 5h da tarde.

Se sente mais feliz na horta do que na creche?

Eu sinto porque gosto de trabalhar na natureza, assim na terra e também já tava muito cansada de criança. Criança deixa a gente muito cansada, o dia todo. Eu pegava de 7h a meio dia, depois passei a pegar de 1h a 7h da noite (Demonstrou grande satisfação por ter trocado a creche pela horta) e ganhava melhor porque fazia hora extra

Tem esgoto próximo?

Tem não.

É muito bom saber que a gente que pranto, a gente que colhe, tem todo cuidado. É bom! Trabalhá com horta é bom. O que você ta prantando, amanhã vai comê, a gente sabe que o que a gente pranta é coisa boa. Apesar que não é todo porque a água tem cloro, mas adubo é orgânico, é natural. Tem uma moça que compra toda semana ela leva uma bolsa. Amanhã mesmo ela ta aqui. E tem outra menina também que ela falou pra mim que tava com a pele ressecada, ela passou a comer coisa orgânica, ela não compra só aqui não ela compra em outra horta. Ela começou a comer coisa orgânica e a pele dela começou a ficá bonita, normal, a pele dela era muito ressecada, seca com alergia no corpo todo, não era só no rosto não. Ela foi no médico homeopático passou pra ela comer só coisa orgânica, então ela disse que teve um bom resultado. O médico falo, quanto maior mais agrotóxico tem. Aí ela passou a comer e ela ta se sentindo muito bem, dá pro garoto dela, ela tem um bebê novinho... Ela não compra aqui porque mora lá em Praça Seca. Ela falô pra mim que compra numa horta, acho que fica lá pro lado de..., na Baixada por ali, Tinguá?! Disse que tem tanto aipim

Aqui tem aipim, babosa, se for botá na ponta do lápis as ervas que tem aqui, assim pelas que eu conheço tem umas 20. Tem babosa, capim limão, manjerição, arruda também, pra remédio, alecrim que você pode usá na comida e ele também é remédio, Eva Macaé, erva mastruz (bom pra fazer xarope pra tosse, bronquite), hortelã, tem também aquela erva que é boa pras pessoa que tem problema de urina solta (essas pessoas de mais idade... aí toma isso aí é bom).”

Entrevista 6 - Hortelã nascida em 18/11/1966 - Cursou o 1º grau completo e tem faixa salarial de R\$ 360,00.

“Há 3 anos trabalho aqui. Ela (entrevistada anterior) entrou numa semana e eu entrei na outra. Eu acho que o projeto da horta tem 4 anos, que eu trabalho aqui há 3 anos, mas isso aqui já tava correndo aí. Sem ter essa montueira de canteiro, pessoal ajeitando canteiro, limpando a área, que era uma área também de muita pedra.

Aqui não tem agrotóxico. Pó tem, de café. Dizem que é bom, a gente vai fazendo assim esse uso.

Meus pai não eram de horta. Era todo mundo da cidade mesmo Meu pai era pernambucano, mas não sabia nada de horta. Pelo menos nunca falou se sabia ou não.

Eu fiz um curso, daqui da horta. Foi de horta mesmo, lá no Via Parque. Tava tendo um curso lá e eu tava em casa e a Dona Dirce já tava num planejamento aqui dentro junto com Seu Rubens. Aí ela passou lá em casa e falou: - Lane, no Via Parque tá tendo um curso de horta. Aí falei: - Não quero não saber nada de horta não. Não diretamente. Que ela pega no pé mesmo. Falei: Ah tá! Ela falou: - Ah tá não! Vou dar o nome pro Seu Rubens e você vai começar a fazer esse curso porque futuramente tá vindo coisa boa aí pra gente, pra comunidade. Aí falei assim: - Ah tá bom. Meio desinteressada, e tal. Eu não tava trabalhando. Aí ela passou lá em casa e falou isso comigo: - Ajeita os seus documentos que não vai demorar pra eles catarem pessoas pra qualificar, mexer na horta, né? Falei: Tá bom. Aí fiquei assim em casa... Não vai ter horta nenhuma. Totalmente desacreditada E olhava, tudo mato. Olhava daqui pra cá matagal. Ninguém vai fazer mexer nisso nada. Aí de repente ela passa lá em casa, é pra você levar seus documentos lá no Via Parque. E eles vão te dar o endereço pra você ir lá na Cidade que tem que se cadastrar, é meio período, né? O horário eu não sei se é de 7h a meio dia ou se é de 1h as 5h. Eu não sei ainda, mas tem esses dois horários. Falei: - Ah tá legal! Peguei os documento aí cadastrei, me deram o papel pra eu ir lá. Cadastrei, só que já tava acontecendo a horta, inclusive ela, a colega que hoje é cadastrada vinha muito aqui. Ela era voluntaria, ela trazia os filhos dela que era menor. A garota dela sempre teve muito medo, então, todo tempo que ela tinha, dava aqui. Eu nunca dei nada de voluntária aqui, a não ser uma vez que vim plantar batata doce. O sol tava muito quente, ela foi lá em casa. Ajuda? Ajudo sim, vamo lá. E com a explicação dela, aí depois eu fui pra lá foi que fiz o curso de 6 meses, mas tinha de 1ano e 2 meses. Aí eu fiz esse curso, pegando de 7h a meio dia. E até que isso aqui ampliô, aí perguntaram se queria. Eu falei: - Eu quero. Aí to aí até hoje. Foi através da Dona Dirce que eu fiz o curso pra tá apta a fazer o que eu faço aqui. Não sabia nada. Sou da cidade mesmo. Eu trabalhava com preparação de fiação pra tecelagem. Era em firma, um barulho imenso, poeira demais. Mas, não to menosprezado a minha profissão, sustentei meu filho nessa

profissão e vim bater aqui dentro da horta. Quer dizer, bem mais calmo, o ouvido relaxa...as gente chega a dar aquela agonia. De tanto silencio. A gente fica muito tempo no barulho, de repente você se vê meia...o ouvido coçando, acha que tá ouvindo demais ou de menos...Tem muito disso. E aqui é ao ar livre, né? Bem melhor.

Eu acho que eu me dou o que eu posso no trabalho, entendeu? Ainda mais que tenho problema de coluna. E todo nosso trabalho aqui, ele é esforçante. Não adianta pensar que é uma horta, orgânica...ah!Que delícia! Ao ar livre, pra quem chega e passeia é ótimo. Mas nós não tamo, só curtindo o ar livre. Nós tamo trabalhando, nós tamo dando o melhor da gente. Trabalhar em sol quente, é um trabalho pesado que tem que tá de olho nas coisa que você pranta. E a gente quando não nasce, a gente se entristece também. Se tá muito quente, irriga, irriga e as vezes ele não vem. Que as vezes também entristece, né? você tá dentro de casa, eu tenho certeza que todos os nossos colega aqui, nós tamo dentro de casa as vezes no final de semana com sol quente, aí fica imaginando Meu Deus!Aquele o canteiro de fulano, ou de chicória, deve tá como? Esturricado de calor. Entendeu?Você não consegue sair um pouco daqui de dentro mesmo você tando em casa. Que a gente termina se apegando as coisas. Cria um carinho pela natureza, principalmente pelo que você pranta, entendeu? Você sabe que é tão pequeno, depende tanto de você. De repente você não pode nem tá ali. Ai tá dentro da sua casa, não tem mais nada a ver com seu trabalho. Você tá trabalhando pra sua casa, você tá limpando uma casa, tá fazendo uma comida, tá lembrando daquele, sabe? É uma coisa que chama muito atenção. É uma coisa que aprendi a gostar, não que eu não gostasse. Eu gosto de pranta. Com certeza eu uso o que pranto aqui na alimentação da minha família. Não to dizendo também que não vou lá fora e compro os agrotóxico, que é mentira, né?. Mas tem muita coisa aqui que tem bastante tempo que a gente não compra. Chicória, os tempero, a salsa, cebolinha, coentro, entendeu? Algumas alface quando dá Também, quando dá pra dá é uma montueira mesmo. Tem bastante coisas, a bertalha, tem coisas aqui que a gente muitas das vezes não encontra em sacolão. Que é a taioba, né? Temos taioba e muitas das vezes você não encontra. Uma vez eu vi no mercado. Eu fiquei boba! Aquela folhona, mas aquilo parado. Ninguém tocava, porque acredito eu que ninguém sabia nem o q era. Nós temos ali.

Pranta pra remédio eu não tenho muito conhecimento, mas o capim limão eu conheço, erva cidreira. Uso pra minha mãe. Eu gosto de senti o cheirinho, e o elevante eu acho que tem um cheiro de açúcar no ar, eu acho. O cheiro dele é adocicado, eu acho ele lindo! Acho ele cheiroso! Sabe, mas eu não sou muito chegada a chá não. Eu gosto de café, até bebo um chazinho, mas não é assim...

Se for pra remédio com certeza tomo o chazinho. Aí amo ele! Do contrario, eu gosto dele La no canteirinho. A minha mãe Também, ela sofre um pouco de nervo, de vez em quando fica um pouco agitadinha. Aí dou uma erva cidreira pra ela, sempre uma coisa natural. Ela fica lá agitada devido aos problemas dela de doença, mas ele só tem calmente natural, erva cidreira. Que minha irma dá muita erva cidreira pra ela, capim limão também. Muitas coisas eu vim aprender aqui dentro, ate gostar do chazinho mais ou menos foi aqui dentro também. Gostar pra remédio e aprender pra que é bom. Assa peixe, inclusive meu filho tá tomando xarope em casa. Assa peixe com salsa, fomos botando um monte de coisa, ficou um xaropão. Ele ate diminuiu um pouco a tosse mesmo. Se foi o remédio natural ou não...sei que ele ta melhorando.

Guaco no momento a gente ta com um pezinho muito pequenininho. Então esse xarope, ele não levou guaco que não tem agora aqui grande pra tirar.

Aqui tem muita babosa, diz que é cicatrizante. Eu tenho uma estória da babosa que é muito engraçado. Eu tava com dente inchado e eu fui no dentista, o dentista me passou um antiinflamatório de um dia pro outro. Ele disse: - Você começa a tomar hoje e vem aqui amanhã que eu vou arrancar o seu dente. Aí eu fiquei apavorada com aquilo. Ai!Não agüento mais. O olho inchou tanto que chegou a ficar roxo embaixo. Aí eu não vinha nem trabalhar, entrei aqui na horta e falei pra, o nome dela é Maria Jose, mas a gente trata ela de Nina. Falei pra ela: - Nina, num guento mais de tanta dor, me ajuda, me dá um remédio. Ela e o Sancler, que é um outro colega de trabalho também. Eu não guento de tanta dor, amanhã vou arrancar esse dente. Aí falava, mas não vai pegar a anestesia. Aí aquilo já foi me dando uma agonia, um nervoso muito grande. Eu fiquei apavorada! Falei: - Mas, eu quero arrancar esse dente. Ele ta me magoando, to sentindo muita dor. Me dá um remédio! Ela: - Peraí que eu vou catar o pezinho de galinha pra fazer gargarejo. Não!Vou te catar um suco verde! Aí catou um punhado de coisa de

suco verde. Aí falei: - Mas, eu não tenho nada pra fazer um suco. Eu tinha um pedaço de melão dentro da geladeira. Aí, ela falou: - Pois, bota melão mermo. E me deu um pedaço da babosa. Aí, eu cheguei em casa com aquela dor, desesperada. Coloquei tudo no liquidificador e bati. E um remédio que tem aqui também que dão o nome de cibalena, né?

A gente conhece como cibalena, então... Se fez bem ou não, eu sei que me melhorou porque quando tomei aquele suco verde, coei que tomei. Eu voltei pro meu canto de novo, to eu lá quietinha não deu nem meia hora assim, senti uma pressão assim na boca, so levantei pra cuspi. Eu sei que aquilo desinchou. Num ãã...mas a dor desapareceu completamente. Quer dizer, eu tenho que confiar também que alguma coisa aqui da horta me fez bem. Que não teve nenhum outro tipo de remédio. E depois eu tomei o antiinflamatório. Mas o antiinflamatório não tinha nem uma hora, ele com certeza, ele não tinha agido ainda. Mas o remédio foi bater e valer, com meia hora depois senti que veio. Não sei o que que aconteceu. Continuei tomando o remédio até o dia seguinte. Fui no dentista e consegui arrancar o dente e pegou a anestesia. Aí, isso eu conto pra todo mundo.

Tenho um casal. Meu filho tem 21 anos. Ele inclusive tava com essa tosse. Trato com esse xarope. A minha filha tem 13 anos. Já do meio da horta mesmo. Ela tem alguns conhecimento. Não é muito chegada a verduras não, mas ela ainda é melhor pra comer do que ele. Agora que ele ta comendo melhor, sabe? Come chicória, bertalha. Isso ele ta aprendendo a gostar mais, né? É, eu falo: -Se não come pelo amor, vai comer pela dor. Que as vezes ta passando mal, tem que comer um mato pra poder se melhorar. Então, acho que é melhor comer logo pelo amor. Vai comendo e passando a gostar ao invés de ter que comer forçado. Comer como remédio. Não é pra eles comer como remédio, é pra comer como alimento. Que previne. A bertalha, por exemplo, não é teórico não, é na prática mesmo. Ela é muito boa pro intestino.

A horta ta bem. Nós temos 130, Nina? (Nina: - 110) Quantos canteiros a gente tem? 110? Aqui tem trinta e dois (Nina: - trinta e dois. e sessenta e dois . Com trinta. Noventa, noventa e dois com dez. Cento e doze). Cento e doze canteiro. Já é uma horta

bem grande. (Nina: - Tem as leiras. Quatorze leiras.) Dezesseis. Já tem o roçado de milho.

Tem milho também, ta prantado. Ta bonito a beça. Você pode chegar dali que dá pra você ver.

Eu recebo também essa ajuda de custo, que a gente sabe que é da Prefeitura, entendeu? Mas se é parques e jardins...Eu realmente não sei qual que é a área que repassa esse dinheiro pra gente.

A gente ta começando uma horta no Rio das Pedras, num colégio, Bussunda. Não é diretamente, pelo menos eu não. Tem um colega que foi, ajudou, né? Mas já tem o grupo deles lá. Que também tem a ver com essa horta, porque o chefe de lá é o mesmo nosso, entendeu? Ele que é o responsável. Tem sempre um encarregado. Mas ele que é o responsável geral.

Olha!Eu acho que tem muita gente interessada sim em plantar, mas não acho que seja a maioria não, entendeu? Nem mesmo aqui na nossa comunidade eu num acho que tenha tanta gente interessada. A gente aqui ajeita tudo, faz tudo bonitinho. Pra você ter uma idéia, tem pessoas aqui dentro que nunca veio aqui dentro. Moradores daqui. Ta arriscado sair daqui, conhecer do Rio da Pedras, lá de Pedra de Guaratiba, mas aqui na comunidade não vem.

Não, algumas não recebem, nem fazem questão, entendeu? Nem fazem questão.

Só os idosos que ganham as bolsas, e agradecem muito. São idosos que as vezes nem saem de casa pra andar não. Aí dá pros jovens seguidores da Dona Dirce, que ela tenta botá , tenta fazer o que ele pode, botando na linha, é que sai com carrinho. E sempre assinando, né? O caderninho pra ver que ganhô. Esses que vem aí junto com a minha filha. Os dois dela não veio hoje. Mas eles foram assim uma das crianças fundadoras dessa horta porque foram das primeiras crianças. E eles eram pequenos e já vinha pra cá. Hoje é uma moçinha de 13 anos, rapazinho dela acho que tem quinze. Mas são todos eles da época aqui. Esse bichinho tem foto ali desse tamanhozinho. Esse garotinho. Sabia?Eles que vai nas porta, quando tem algum evento, quer vir aqui, eles dá o recado.

Eles tão sempre grudados com ela aí. Tem mais de trinta idosos que recebem. Quando a gente colhe assim, aí pode até, não to dizendo assim, é uma sacola imensa, mas hoje você vê...que tem bastante chicória, temos bertalha... É o que a gente tem hoje aqui oh. Chicória, bertalha, que é o suficiente pra dar pra bastante idosos. Pelo menos duas chicórias e bertalha cada um, de 15 em 15 dias. Eu acho que pra idoso ta bom.

Olha so! De adolescente eu tenho uma quantia exata de seguidores da Dona Dirce. Que são 3, 4, 5, 6. De cara assim tem 6 adolescentes, uma delas é minha filha. Eles estudam, levam fora dela se tiver ruim, se tiver no meio da rua fazendo o que ela não quer, tipo gritando, ela já chama, já conversa, chama atenção. E eles que não são malucos de responder. Né? Que aí ela piora o grito, aí ela dobra o grito. Então é melhor que eles venha logo, já na primeira vez. E isso é legal!As mães sabe que ela é o punho firme. Agora, de criança pequena eu não tenho nem idéia. São bastante crianças. Essa horta acaba por educar os adolescentes e crianças envolvidos. Educadas até mesmo assim em você respeitar uma árvore. A D. Dirce aqui não gosta que fique pegando faca e escrevendo nome em arvore, né? Já cansamos de chamar as vezes até atenção das criançadas que entra aí. Ih! Não corta a árvore! Deles olharem pra gente e falar: - Por quê? Então se corta, mas perto da Dona Dirce... Pô!Não corta não!Já pensou eu pegar uma faca e cortar seu braço? Que nem nós adultos hoje, tentando conscientizar eles que isso não é legal nascemos sabendo disso, né? Hoje a gente já tem essa idéia assim, meia torta, mas a gente já consegue passar pra eles e eles conseguem se educar nesse ponto. Respentar um canteiro sem pisar. Sabe, que até pra não pisar, mesmo tendo outro lugar, a pessoa tem que gostar porque senão pisa mesmo e tão nem aí pra canteiro plantado. Quando eles aprendem a entender o que é, eles passam a gostar, a ter pena.

Oh!O meu conhecimento nesse ponto de pranta pra remédio é nenhum, mas o pouquinho que eu sei assim, tem uns 4 aqui que eu sei que serve pra remédio. Capim limão, erva cidreira, assa peixe e essa cibalena, que eu tenho conhecimento, e tem a babosa. Já deu 5, daqui a pouco aparece mais que eu conheça. Erva doce a gente não tem aqui não, até tinha um pezinho ali, ele parecia uma salsa e tinha um cheirinho de erva doce mesmo.

Andaram aí com um negocinho miúdo, de fato nós pegávamos o cheirinho assim era um vicky, mas era elixir paregórico, lembrei. O vicky tem uma mudinha que chegou agora, mas é um pezinho pequeno.

Tem um negocio ali que disse que também serve pra verme, erva mastruz e pra quando a pessoa tem um cachorro que ta com muito carrapato, você joga dentro de casa pra não passar de fora pra dentro.

Ele por exemplo, é um jovem, mas ele veio pegar de duas idosas.

Eu aprendi a gostar do trabalho daqui. Eu não sabia nada de prantio, ir lá comprar ou como chegar e prantar pra mim era indiferente, entendeu? Eu tava com meu dinheiro, comprava minha chicória e comia minha chicória, sem problema nenhum. Então você passa a aprender, você passa a gostar, entendeu? Mesmo que esteja com uma cara não muito bonita. Hoje ela não ta com uma cara muito bonita, mas ele ta saudável. A carinha é feia, mas ela não é uma pessoa ruim. Pode comer sem medo, vai te fazer bem, não tem nenhum remédio pra defender ela de alguns insetos, então termina ficando meia feiinha, mas isso não passa não.

Entrevista 7 – Hortelão nascido em 10/09/1958 – Cursou até a 5ª série do antigo Primário e tem faixa salarial de R\$ 360,00.

Há 2 anos...2 anos. Vai fazê agora em maio, 20 de maio. Calma aí! Tem 2 mês, mais junho, julho, agosto... 2 anos e 6 mês. É que eu to me perdendo.

### **Agrotóxico?**

Não, que nós trabalhamos com esse orgânico aí. É tudo orgânico esses legume.

Olha, eu aprendi aqui a mexer com horta. Primeiramente foi com a Dirce, né? Que me ensinou, depois foi com o irmão dela, aí depois foi com as meninas.

Minha família não era de horta. Eu que dediquei a vim aqui pra horta. Vim pra experimentar, aí gostei e to aqui até hoje.

Moro aqui na comunidade, ali em frente.

Aqui dentro? Ah foi através de muita enchente que tinha. Morávamos nessa rua aí que tem o rio do outro lado aí. Aí no caso de enchente aquilo ali enchia muito, aí era área de risco. Aí resolveu os é... a Prefeitura resolveu entrar em contato com a Antártica pra, que esse terreno ia até lá em cima, ela tomava conta dessa área aqui. Eles afastaram esse pedaço aqui até ali pra fazer essas casinhas aqui. Pra tirar ali do lado do rio. Foi até bom que pelo menos estamos longe do rio, não tem problema nenhum. Tranquilo! Não foi a Prefeitura que deu as casas, ela deu em valor nas casas que nós tínhamos a casa lá. Aí então quer dizer, a minha por exemplo, tinha 2 quartos, sala, cozinha, então de acordo com as casas eles vinham fazendo aqui. E quem quisesse uma casa maiorzinha, aí já entrava com dinheiro assim pra poder aumentar mais um pouco. Só que a minha não precisou porque lá era 2 quartos, sala, cozinha, banheiro, área conforme tem aí. Área, não tem aqui na frente, mas tem nos fundos. Foi assim que nós comunicamos com eles. Já tem 12 anos já.

Olha! Eu sempre trabalhei com pedra, muro de pedra. Aí como esse negócio de pedra acabou, pararam, as pedreiras pararam, parou junto... Aí parou os muros, muro ficou fraco, né? Por coincidência, eu tava em casa aí a Dirce me viu em casa e me perguntou se eu não queria vir pra cá. Aí falei: - Vou fazer um teste. Se der certo eu fico, se não der... Aí eu vim pra cá e to até hoje. O curso do Via Parque não fiz não, aprendi tudo aqui mesmo com eles. Eles me deram uma forma aí, peguei o ritmo da horta.

É no fim do ano que eles dão um agradozinho a mais um pouco. Não tenho auxílio todo mês. Você diz assim, bolsa família? Da Prefeitura, não chega a ser um salário, é acho que é ajuda de custo mesmo. Todo mês vem. A gente pode pegar legumes, verdura.

As vezes uso planta pra remédio pra minha família. Pra alguma dor, que tem muito remédio aí. Tem cibalena, tem novalgina, tem várias delas aí. Então, isso a sempre quando a gente tá com uma dor, a gente pega umas folhinhas e. Olha, pra resfriado se procurar tem, mas é que é difícil ficar resfriado aqui.

Tenho um casal. É alguma dorzinha que sente, né? Pega da horta pra curar. Pega e passa p eles também que já tão grandinhos já não é mais criança pode tomar desses

remédio de adulto. Remédio daqui mesmo junto com uma erva doce, uma erva cidreira pra fazer um chazinho. Isso aí a gente também bebe, né? As vez um chá que a gente faz aqui. A maioria toma café, né? Aí, eu e essa menina magrinha só toma chá. É chá de erva doce, é chá de folha de abacate e chá de favaca, chá de cidreira, cha de capim limão, cada dia vai variando, entendeu? Todo dia a gente varia de chá e a maioria toma café.

### **Fazem xarope também?**

Isso aí, tem um senhor ae que ele vem aí ele fabrica o xarope. Vem aqui pega as ervas fabrica o xarope e oferece pra gente tomar. Ele vende, também pelo que ele gasta. Ele gasta vidro, açúcar, mel, essas coisas ele tem que comprar, né? Compra e faz e fornece pra gente. É 10 Reais, 8, de acordo com o tamanho do vidro. Vidro assim 10, aí se quiser o maior já é mais um pouquinho. Aí vai variando de acordo com a pessoa. Tranquilo. Ele não faz só xarope, ele faz outros remédios que são diferentes também. O chá dessa dessa, aquela coisa ali...mamona, ele explica como faz aí. Cha de vinho de bananeira, aquele vinho sabe? Quem quiser botar no vinho bota, quem não quiser faz com outro tipo de remédio. Ele ensina uma porção de coisa aí que graças a Deus, né?...eu, é difícil eu tomar remédio. Ainda mais aqui Que a vida aqui, isso aqui já é um sossego, você vem aqui não se aborrece com nada, tá sempre todo mundo de bem com a vida. E vamo levando. Sou feliz de trabalha aqui sim, apesar que tem um companheiro aqui que trabalhava com a gente, mas aí foi pra outra, aí quer dizer que descontrolô um pouco e acostumado a conversar e trabalha tudo em equipe... Aí precisou de ir pra outra horta, foi pra outra horta.

Fui pra horta de Rio das Pedras pra ajudar. Foi até bom.

De 15 em 15 eu levo uma bolsa. Antes Também se quiser também tem problema não. Aí colhe e aí cada um leva um pouco. É menos um dinheirinho que a gente gasta quando vai no mercado, feira e também é tudo cheio de remédio. E aqui é tudo orgânico mesmo, fresquinho...

Olha, aqui tem mais ou menos umas 10 plantas pra remédio aqui. Se procurar direitinho acha mais. Olha agora de nome assim, aquelas que te falei, cibalena, novalgina, é... erva

cidreira que também é remédio é chá, capim limão, tem é hortelã... serve tudo pra chá. É...tem elevane tem outras coisas. Se for procurar direitinho... Vicky tem não não, guaco tem tem, agora quem sabe que tem é só o irmão da Dirce. Ele que planto aí, agora não sei em que lugar.

O adubo fazemos aqui mesmo. É 3 camadas: capim seco, depois verde, aí colocamos esse aí por cima depois cobrimos com mais mato por cima aí deixa. Duas semanas, aí vira ele pra podê ele ficá todo igual. Aí mais uma semana, outra virada até ele ficá no normal de peneirá pra podê botá na semente. Pra ficá bom 1 mês, no máximo 1 mês. Aí ele ta no ponto de peneirá.

Quem começo a horta isso aí eu não sei dizer porque acho que antes da Dirce e do irmão dela tinha não sei se foi o Seu Rubens aí da Associação... essa parte eu não sei, não tenho certeza quem entro aqui primeiro pra poder começar o movimento. Eu quando entrei aqui já entrei com a Dirce.

Ah! Meus filhos são pequenos. O garoto tá com 13 anos e a garota tá com 6. O de 13 anos não vem aprender as coisas com a Dirce, que ele estuda. Ele pega meio dia. Aí fica meio complicado pra ele vim, então... E a garota também estuda e é pequena também, não tem muito como aprender, mas ela de vez em quando vem aqui e fica com as meninas aí andando pra lá e pra cá... Agora o garoto não é muito chegado. Ele gosta mais de jogá bola. Tá na veia, tá no sangue. Se for só isso tá bom.”

Entrevista 8 – Hortelão nascido em 10/12/1959 – Cursou até a 4ª série do antigo Primário e tem faixa salarial de R\$ 360,00.

“Entrei como voluntário aqui. Ô Abençoada! Já vai fazer 4 anos já. Bom, em compensação ainda sô, que ainda não to cadastrado, que nem os outro. Porque to desempregado, entrei aqui pra pegar prática cada vez mais. Que eu sou da jardinagem, que eu trabalhava no condomínio Parque da Freguesia e sempre pegando instrução aqui e estudando. Tenho 4 anos como voluntario e continuo aqui, eu era fechado no condomínio. Sábado, domingo e feriado vinha pegar instrução aqui, estudá cada vez

mais, mexe com terra, com horta, várias coisa... A arte da medicina, aparte que faz bem, a parte que faz mal... Aí eu to até agora. Até quando fiquei desempregado, to aqui, faz 6 meses (Que ficou desempregado) continuo aqui Ô abençoada! O que aparecer to pegando. Ou aqui ou notro canto, o que aparecer eu pego. Ta aparecendo uns bicos por aí, se aparecer to pegando. Penso em me cadastrá pra receber por aqui, se aparecer eu topo. Aí eu fico só aqui e não procuro emprego fora.

Moro na Cidade de Deus

Conheci o trabalho da horta através de morado lá condomínio que eu trabalhava. Ele fazia estudo aqui também. Ele era voluntario aqui também, aprendendo a fazê horta e prendendo cada vez mais...e aí me trouxe...

Eu vejo muita gente pegá aqui (colheita), doa pros morador aqui da comunidade, eu também pego. Eles me dão e eu levo.

Tem planta pra remédio aqui Também. Olha só eu até levo, mas assim pra mim falá tudinho não dá não. Mas um bocado eu conheço. Tem capim limão, cidreira, cibalena, tem o dipirona, tudo pra remédio. Uso!Quando to atacado com dor (riso), faço chá. A cidreiraé bom, a cibalena é bom. A cibalena não sei pra que; mas a dipirona, é pra dô; capim limão é pra pressão. A cibalena não tenho saída pra ela não, dizem que é muito bom. Tem a hortelã pimenta, faz chá e faz comida...isso tudo tenho pra praticá ainda, isso pra mim é um curso. Por isso que to aqui até agora, a prática é melhor jeito de pegá. Eu tinha aula há muito tempo já. O que eu aprendo aqui passo pra minha filha, pro meu genro.

Não sei como começô a horta não. Quando cheguei aqui quem tava era a D. Dirce, quando cheguei aqui. Os outro não foi na minha época não.

Todo mundo q trabalha aqui pode levar legume e verdura, tem chuchu, aipim, batata doce. Tem várias coisa por aí. Na minha mente não cabe muita coisa, só tando lá dentro olhando.

Abençoada, acho que a tendência é o ser humano procurá erva mesmo, porque hoje você chega na farmácia e gasta uma fortuna com remédio, e não sente futuro nenhum.

Gasto dinheiro e não tem resultado nenhum, e na erva a gente sabe que o negócio serve, ou faz um chá ou o próprio sumo dela. Que nem a moça tava falando o suco verde. Eu mesmo quando to atacado pego umas folhas de mato, cidreira, capim limão faço um chá já, hortelã pimenta, aquela miudinha faço sumo e engulo...tudo é bom “ta gravando, né?” .

O Abençoada, agora não to bem por dentro não, mas já ouvi varias pessoa comentando que tem um lei pra fazer remédio das plantas medicinais

Tenho filhos, são 3. Minha filha usa planta pra remédio. Hortelã, hortelã pimenta pra fazê chá, lambedor. Ela fala que é muito bom. Ela é cheirosa.

Os pais e os avós eram da agricultura, várias coisa me ensinaram lá no Norte. Vieram lá da Paraíba. Desde pequeno já tenho contato com a terra.

A maioria meu pai conhecia, tudinho (planta medicinal). Aí foi passando pra mim. Aí fui ficando cascalho velho e fui aprendendo Também. Depois vim pra aqui que aqui tem professô explica melhó. Acho que é toda terça feira que tenho aula. Ou é na 3ª ou é na 4ª. Dos meus filhos só uma que usa planta pra remédio. O outro mora em Nova Iguaçu e a outra tá no Norte. A que usa mora aqui no Anil

Eu me sinto bem aqui, só fico satisfeito quando to aqui dentro do matagal. Que minha família já era de roça. Meus avô, meus pai, eram tudo da agricultura. Ficaram tudo no Norte, meu pai que venho aqui ainda duas vez no Rio. Veio aqui, mas depois volto. E eu comecei lá na agricultura com 22 anos. Ô Abençoada!Eu não conto mais não, há quanto tempo to no Rio. Sei que to com 51 e 5 dias. Tem mais de 20 anos que saí de lá (Norte)... Foi 12 de março de 86, mas eu não to só aqui no Rio não, tem São Paulo Também. Fiquei no Rio e em São Paulo. Acho que minha filha tem 20 e poucos anos, toda a idade dela ela mora aqui. Vou ligá pra minha filha pra falá a coisa certa. (Depois de falar com a filha). Ela tem 23 anos.

Em São Paulo trabalhei em construção civil.

Trabalhava no Norte com agricultura, em São Paulo construção civil e no Rio, primeiro construção civil, e depois horta e jardim.”

Entrevista 9 – Encarregada da horta nascida em 13/04/1950 - Cursou o antigo 2º grau completo e tem faixa salarial de R\$480,00.

“A iniciativa de fazer a horta veio do Presidente, Seu Rubens Moreira, da associação de moradores (AMAJA, Associação de Moradores e Amigos do Jardim Anil).

Quem veio morar aqui foi o pessoal que morava lá na beirada do rio e perdeu tudo na enchente de 96.

Essas informações que eu to te dando sobre Seu Rubens, você pode tá vendo também na AMAJA. Se você colocar no Google, vai aparecer, sobre a horta, como foi feita. Você bota aí associação de moradores e amigos do Jardim Anil. Porque existe outros AMAJA também.

No total são 6 pessoas que participam da horta. O projeto tem, eu já to aqui vai fazer 5 anos, não me lembro o ano, eu não guardo, mas já vou fazer 5 anos aqui. A horta, né? Porque o Programa Hortas Carioca, ela tem 3 anos. Quem trabalha aqui, tá a 4/5 anos, o Projeto Hortas Cariocas, é 3. Foi quando eles começaram a receber. Nós não tínhamos essa horta na beira do rio. A gente fez o curso, lá da Rio Hortas, no Via Parque, que tá vindo pra cá...Porque o Via Parque foi e comprou esse pedaço que era que era naquele espaço mesmo do Via Parque. Lá tem um espaço que é a horta Já tava lá há 16 anos a escola, lá na escola. Essa escola futuramente vai tá vindo pra cá. Aí sim, vai atender muitas pessoas, com curso... Vai vir pra cá e sair de lá. Então, nossos cursos foram feitos lá. Eu, Elaine, Nina, Seu Sancler, a Silvana que não tá aqui que trabalha numa outra particular... Acho que foram 18 pessoas daqui. Mas só quem trabalha mesmo são uns 4 / 5 que tem esse curso. Porque aqui não pode trabalhar sem ter curso. Então, é o Nilson, eu que dou aula pra ele, Seu José. Eu que dou aula pra eles porque eles não fizeram o curso. Qualquer coisa que eles precisem, sou eu que ensino, porque a horta a gente nunca acaba. A gente tá sempre reciclando, sempre tem coisa nova. Porque você tem que olhar, tem q ver as coisas. Então, não é só ir lá botar semente e fim de papo não. você tem que ficar olhando todo dia, cada dia é uma novidade que a horta te mostra, sabe? E são novidades boa, tem umas ruins, mas aí a gente corta. Ervas foram poucas que foram plantadas, o resto é tudo naturalmente, a maioria. E as hortaliças silvestres Também, tudo natural, são saborosas, sabe? Eu não troco uma saladinha de

hortaliça silvestre por uma alface. Eu não troco! Primeiro que..., e eu já experimentei e vi que é muito saborosa, então eu não to troco, né? Claro que todo mundo pensa que numa horta tem que ter alface. Quando você vai montar uma horta todo mundo pergunta: - Tem alface? E ela não é importante da horta. O importante de uma horta é o brócolis. Não sei por quê. O mais importante de uma horta é o brócolis. Tem muita coisa importante numa horta, mas quando você vai fazer a horta perguntam pelo alface. Não que o brócolis seja o mais importante. É o cultivo, né? É o tratamento. Ele dá mais trabalho pra gente. O alface é um dos mais fáceis de cuidar. Você planta, ela nasce, depois você dá o tempo dela, porque tudo tem idade, né?

Você vai plantar, amontoas, bota mais terra nos pezinhos e o desbaste, quando você tira da sementeira porque você não planta vários pés num lugar só. Tem que ser de um a um. Tem o espaçamento, que aí eu não acho tão difícil, não só da direita pra esquerda, como da esquerda pra direita. Então, você calcula aqui. A gente já não usa mais régua não, agora vai no palmo ou no olho mesmo. A gente já tá trabalhando a muito tempo, aí já sabe, mas quando vai passar essa informação pra alguém, tem que ter reguinha. Porque a pessoa não tem costume ainda, né?

O meu pai, eu morei onde se diz agora Avenida Brasil, e meu pai tinha um sítio. Todo sítio tem a parte da horta. Então, você já cresce vendo aquilo tudo sempre, então desde criança. Só q você ter uma horta no meio da cidade é complicado, né? Porque a horta da roça, você usa esterco, planta por plantar. Não tem a obrigação de tem que dar tantos pés, você tem que ter isso pra colheita, você não tem nada disso. E na cidade, como essa daqui, você tem q saber de tudo. você plantou 3 canteiros de alface, você tá calculando quanto vai dar ali. Tem isso tudo, tem uma matemática ali. Então, quando eu falo q tudo na vida é a matemática, a gente tem q dar prioridade a matemática, é por causa dessas coisas. Porque se você planta mal, planta errado,...você não pode falar dia tal eu tenho um pé de alface pra te dar. Então, você tem q ter a matemática.

Primeiramente a proposta da horta foi o seu Rubens, ele mora aqui, e é presidente da associação. Então, tinha um terreno ocioso, que era esse aqui. E, é da Prefeitura, a Prefeitura não faz nada, então ele viu que a gente podia fazer uma horta pra comunidade. Tem tudo direitinho, tem permissão, tem tudo. Pra atender a comunidade,

tanto que a gente colhe aqui por mês 80, 100... 200 quilos. É muita coisa de hortaliça, muitos quilos. Porque não tem muita batata doce, nem aipim, nem coisa que pese muito, né? Duzentos quilos por mês, é muita coisa! E é o que a gente colhe aqui. Todas as bolsas que você já viu, saindo aqui tem um peso. Se você pegar, ela tem um peso, 2 quilos. Então, dá 40. Pra 40 família, né? Duas vez quatro, 8. Duas vezes no mês 160...com 40 que sai pros internos e visitantes. Que quem trabalha aqui leva também, eles não levam de 15 em 15 dias não, leva toda semana. Toda semana que ele quiser uma colheita, ele tem. A comunidade usa bastante as plantas medicinais, que eles vem pegar. As mais procuradas são: capim limão, erva cidreira, poejo, hortelã, pitanga, assapeixe, uma infinidade. Vicky não que ainda tem pouco. Ele tá aqui, tá pequenininho ainda. Eu ganhei não tem muito tempo não. Então tem que esperar ele crescer pra depois tirar muda e fazer. É, essas coisas. como também o carquejo (carqueja), pedir pra eles lá, não tem não. Porque a gente só tem um pé. Um pé escondido lá dentro do matagal, que ninguém vai falar pra você. Tem um pezinho plantado ali, mas ele tem um pé dele grande, lá no meio do mato, escondido. Então, se você perguntar, eles olham pra cara, eles vê se conhece... e a palavra na maioria das vezes, é não. Porque não pode tirar, ele tá crescendo ainda, então tem que esperar. Babosa também, a gente não dá, não gosta de dar. Não gosta mesmo, eu falo pra não dar, porque não pode dar porque senão fica sem.

Seu Rubens não trabalha mais na horta, o inicio foi com ele. Ele foi de grande ajuda. Porque se ele não mete as cara, não tinha horta n. Ele trabalhou, foi muito.

A área tem 14.000 m<sup>2</sup>.

Eles sabe que tem uma lei das plantas medicinais. A gente só dá mesmo pra gente conhecida, né? A palavra é, ah!É chá. Só isso. Não passa informação de que serve pra isso, serve pra aquilo. Se você me perguntar, eu te falo, mas pra outras pessoas não. Se chegar um estranho aí... Chá?...Tem chá? Um pergunta pro outro, tem chá? Aí de repente, um dos que tão lá em baixo, conhece a pessoa e pode atender. Fora isso, só chá comum. A gente usa...a gente toma muito chá aqui, sabia? Como eu to perguntando a hora que o homem marcou pra fazer um pra ele. Pra que que é bom? Ah!É um chá. Um relaxante, só isso. A gente também plantou uns pés de capim limão aqui. Tem lá na

praça plantado, porque diz que de um lugar pro outro, ele tem uma diferença, sabe? Então, realmente é. E a gente não gosta muito de plantar muito chá aqui não, porque a pessoa vem aqui, vê que tem chá, ele não leva uma folha, quer levar o pé todo pra tomar, cara! Eles qué tomar tudo, eu brigo muito com eles. Peraí! Qué chá pra quê? Pra que você qué o chá? Falo, fazer o chazinho tem q botar uma folhinha, não é botar um quilo de folha. De vez em quando eles vem me perguntar, - Tem melão-de-são Caetano? , eu olho bem pra cara e falo, - Aqui tem cara de que, de clínica de aborto? Não, né? Não dou! Não dou! É abortivo, né? Agora, ele também lava uma roupa branca, muito bem lavada. Minha mãe cansou de Lavar roupa com folha de mamão, mamona e melão de são Caetano. Antigamente as pessoas, a minha blusa hoje tem uma marca, tá vendo aqui, tá? Mas antigamente as pessoas tinham essa marca Porque não usavam nada nas axilas. Então ficava aquele cheiro forte, chegava a cortar o pano. O meu é o leite de rosa, que eu faço assim ó, por cima da blusa. Aí sempre mancha! Minhas camisas são sempre manchadas porque eu uso leite de rosa e não sai, não sai. Não sai nunca mais. Quando é blusa nova, eu tenho o cuidado de não. Ainda não entendi porque ele mancha. Deve ser porque eu não sacudo direito, né?

Tem umas 100 espécies medicinais. Tem muita coisa aí. Olha, alface dá remédio. A ninféia é remédio, não é remédio é banho. É remédio pra tirar peso, é pra descarrego. Como é q a gente vai dar um nome pra isso? Porque aí nessas casas de santo, eles devem ter um nome pra isso, né? Aí quando falar banho, você já sabe q é a parte espiritual. Como a colônia Também, e é medicinal Também. O abacate, o jamelão, né? Tudo isso é medicinal! A insulina que a gente tem aqui, cana do brejo...

E você sabe muito bem que, essa horta aqui era um lugar de jogar entulho, né? Ah! Você não sabe não? Essa aqui é uma parte da Antártica, né? Essa parte aqui, tudinho pertencia a Antártica, e a Prefeitura tinha uma parte lá na frente. Aí, negociou por esse pedaço aqui atrás porque pra Antártica esse pedaço aqui não dizia nada. Então ele preferiu trocar. Então, quando troca a gente trabalha aqui dentro dessa terra aqui e a gente dá uma vida pra ela. Porque quando você vai começar uma horta tem aprender a alimentar a terra também. E é o que a gente faz, enterra mato, material orgânico, né? A gente procura ter sempre uma ciclagem de nutriente. A gente colheu muita pedra.

Os meninos são muito bonzinhos, eu é que fico assim sempre em cima. Porque eu não quero q eles se percam, né? Eles fazem mal criação, é claro que tem a hora da malcriação. Aí eu grito, mando fazer malcriação com a mãe, fico de mal, suspendo eles, ponho de castigo. Esse aí chora. E ele pergunta. – É isso mesmo que você ta fazendo comigo? É verdade? Falo: É verdade! (O coração, ó! risos) Olha!Ele lava uma louça direito, ele guarda as coisas direito, mas na hora de varrer... ele não consegue. Agora no computador, pra mim que não sei nada, ele sabe muito. Ele faz muita coisa pra mim. Ele sabe de todos os meus segredos de computador... ele sabe mandar e-mail pras pessoas. Você lembra que eu falei contigo...

Eu digo pra eles: - Eu to velha, mas não to maluca. Eu aceito sugestões, tá?

E eu aprendo muito com eles, com esses que ficam aqui. Eu aprendo sabe o que? A lidar com os outros, porque eles trazem as coisas boas, mas trazem as ruins também. Tem coisas que eles me contam que eu fico assim. Dá vontade de chorar até. Mas eu sou dura, faço cara de mau, sabe? Não ligo. Aí depois fico, meu Deus do céu. Aí eu penso nos meus filhos assim, que eu dei tudo pra eles e eles não acreditaram em nada. Quiseram ser mãe, quiseram ser casada sabe? Aí... Eu não vou falar pra você assim ah!Eu fui uma mãe liberal, não fui. Mas entendi que hoje em dia virgindade não tem, não tem... Quando fala pra mim que não tem mais nada a ver. Aí eu falo, pra mim tudo a ver, tudo a ver. Mas não é mais a minha vida, né? É a vida deles, né? Eu só falo pra eles terem cuidado. Mas todas elas quiseram ser dona de casa, sabe? Então, quando vejo eles assim na necessidade de ta tendo uma atenção maior e não tem... Eu falo: - Ai Meu Deus! Quanto eu dei pros meus filhos e eles não souberam aproveitar. E agora vejo uma criança precisando e eu não posso fazer nada. Fico com muita pena deles. E de vez em quando brigo com eles falando dos pais deles. Um deles defende. Eu falo, não defende não, seu pai tá errado, sua mãe tá errada. Ele fala: Ah!Coitado! Coitado de quê?

Seu Rubens não toca mais a horta porque trabalha em outro lugar, na época ele tava desempregado, então ele ajudou a gente muito aqui na horta. Quando ele tava aqui a gente ainda não tinha o apoio da Prefeitura. Acho que a gente ficou aqui de 10 meses a 1 ano sem ajuda nenhuma. Porque o curso lá, todo mundo fez o curso de 6 meses. Eu

não fiz não, fiz de 1 ano e 3 meses. E aí o pessoal que fazia o curso lá, fazia o estágio aqui nos sábados.

Quando a Prefeitura chegou com o Programa Hortas Carioca foi que aí a gente chamou as pessoas pra virem, os 5 funcionários. Hoje a gente tem 6 porque precisa de aumentar. Ainda tem mais coisa pra fazer lá do outro lado lá, que são coisas é vai crescendo naturalmente, né? Que vai precisando de canteiro, aí você vai fazendo outros. Porque é rotativo, né? Cada número é um canteiro. Acho que é 112 que tem. Os canteiros têm 5 metros, pra leras tem que ser de 10 metros. Tem lá na beirada do rio, ela é muito grande ela. Tem na lera: Macaé tem a lera Mônica. Eu não contei as leras não, mas deve ter umas quase 130 por aí.”